



*Manuel Antonio Mendy.*

*Est. d'Acad. Real B.A. de Lov.*

## MANUEL ODORICO MENDES



I  
litteratura brazileira contemporanea é quasi geralmente desconhecida em Portugal. Ou seja desdem proveniente de uma superioridade incontestavel neste ramo dos conhecimentos humanos; ou a lingua portugueza, transformando-se no Brazil, e affectando novos moneios, em que o desalinho, as incorrecções, e os modernos galli-

cismos se alliam sem graça e com um gosto impuro, ao falar obsoleto do seculo de quinhentos, se affigure por isso estranha e degenerada aos descendentes directos de Camões e de Vieira, o facto que assignalamos não é nem menos manifesto, nem menos para sentir-se, postoque por outro lado não deva causar surpresa em uma epocha em que aqui as fórmas mais que as idéas attrahem a attenção, e o culto da phrase e do estylo se converte não raro em cega e viciosa idolatria.

Contra a exactidão d'este reparo não concluem de modo algum certas eloquentes excepções, Alexandre Herculano e Castilho, por exemplo, revelando aos seus compatriotas surprehen-

didados da novidade a existencia de poetas e oradores brasileiros de tal preço como Montalverne e Gonçalves Dias; nem, por excesso contrario, uma ou outra recommendação e elogio, arrancado á condescendencia, e malbaratado de ordinario a produções indignas da publica attenção, e que se chegam á alcançála, conceituadas como merecem, só servem a generalisar e a perpetuar um descredito pouco merecido.

O mais é que o que acabamos de observar acerca d'esta ignorancia da litteratura brasileira, ou d'esta indifferença para com ella, nota-se igualmente em quasi tudo o mais que diz respeito ao imperio americano. Quem sabe ou quem lhe importa nas regiões politicas de Lisboa do que se passa no Brazil? Exceptuae umas tantas noticias sobre cambios, preços de mercadorias, e movimento maritimo, copiadas *verbum ad verbum*, e algarismo por algarismo, dos jornaes dos grandes emporios commerciaes, e uma ou outra magra correspondencia, serzida de retalhos das folhas publicadas durante a quinzena, nas horas vagas de algum curioso, e succeder-se-hão os paquetes sem que os jornalistas de Lisboa nos communiquem o que vae por aquellas plagas ignotas e quasi fabulosas que é fama os seus antepassados outr'ora descobriam, e a que houveram por bem pôr o nome de *Terra de Santa Cruz*. Mudem-se ali muito embora os ministerios, dissolvam-se as camaras, operem-se profundas modificações no systema politico e economico do imperio; se o officioso correspondente do *Jornal do Commercio* (unica folha de Lisboa que a espaços, e por intermittencias nos dá d'estas noticias) se esquece ou se enfada da voluntaria tarefa, os Brasileiros que aqui habitamos, somos irremissivelmente condemnados ao pão quotidiano das expedições do Mexico e Cochinchina, e das interessantes e interminaveis questões do Holstein e do Montenegro.

Verdade é que outra cousa se observa no jornalismo do Porto, que n'este particular, como em diversos outros, já leva conhecida vantagem ao de Lisboa; mas o Porto não é quem dá o tom ao reino todo; e o facto de resto explica-se pela circumstancia de que aquella capital do norte, invertidos os antigos papeis, é hoje em dia uma especie de colonia do Brazil, a quem apenas fornece os braços que lhe sobejam, e o seu solo mal póde sustentar, em troco dos capitaes que d'ali recebe em grande parte, e que o fecundam, enriquecem, e aformoseam com um incremento tam rapido como maravilhoso.

As causas da anomalia observada em Lisboa são simples e manifestas, nem seria difficil consigna-las aqui; mas adiado es-

se exame mal cabido n'este logar, baste dizer-se que o Brazil valia bem a pena de ser mais bem conhecido, e n'este paiz muito mais do que em qualquer outro. A maior de todas as grandes obras que prefez Portugal nos dias da sua gloria e poderio, é tambem a unica de todas ellas que sobrevive á geral ruina e decadencia. Sob a protecção das suas leis, e no seio da sua benefica e fecunda hospitalidade, abrigam-se milhares de portuguezes, cujo numero avulta de anno para anno em progressão sempre ascendente, sem embargo de estudadas declamações contra a insalubridade do clyma, e os pretendidos horrores da denominada escravatura branca.

A constituição politica do imperio, coeva da independencia, perdura ha quasi quarenta annos; e arreigada nos costumes e no amor dos povos, já não está á mercê dos partidos impacientes, nem de alguns batalhões insubordinados, que á voz do primeiro general ambicioso e descontente, se encarreguem de reformar as instituições. As guerras civis que por vezes nos affligiram, ora extinctas de si mesmas, ora reprimidas com vigor, e sempre localisadas, nunca ameaçaram involver no seu incendio o paiz inteiro, de uma a outra extremidade; e de ha tantos annos que as não conhecemos, póde-se dizer que apenas constituem hoje um simples elemento historico.

Á sombra da diuturna paz, aperfeiçoa-se a policia civil e social, prospera o commercio, toma rapido incremento a publica riqueza, e apesar dos incommodos e difficuldades das longas viagens, o trato e corrente da communicação com os grandes centros de civilisação é no Brazil muito mais frequente, numeroso, e importante que em Portugal. E phenomeno sobretudo digno de attenção, o quasi recente Rio de Janeiro, pelo movimento do seu magnifico porto, actividade de sua vida interna, riqueza e graça das suas lojas, armazens, e casas de campo; affluencia e variedade de população estrangeira, gosos e confortos que proporciona, offerece á attenção do viajante uma physionomia muito mais pronunciada de cidade européa que a propria vetusta Lisboa, sua antiga metropole.

A vastidão dos espaços e distancias, a correspondente escassez de braços, certas difficuldades economicas e financeiras, aliás hoje communs a todas as nações grandes e pequenas, e sobretudo o formidavel problema da escravidão, vicio que nos inoculou e legou o systema colonial, são-nos occasião de graves embarços; mas sem embargo d'elles, ninguem no Brazil se assusta do presente, ou desespera do futuro. Falta-nos, é certo, o passado que só a successão dos tempos nos poderá dar;

mas se com elle nos faltam o assento e solidez das velhas nações, não soffremos, como algumas d'ellas, os pezares de uma grandeza desvanecida, nem buscamos disfarça-los com os artificios e prestigios de uma litteratura exuberante.

Mas um povo recente, que mesmo no dominio especial das letras, e das sciencias que com ellas tem mais intima conexão, conta já tam crescido numero de poetas, oradores, juriconsultos, estadistas, e economistas; em quanto *ensaia os tenros passos mal seguros* até que atinja á perfeita madurez e virilidade, póde ir supportando sem amofinar-se essa indiferença affectada ou sincera, que temos fé não retardará um só dia a marcha progressiva com que caminha aos seus altos destinos.

Entre todos esses homens eminentes que d'este lado do atlantico apenas mal se conhecem pelos nomes, Odorico Mendes occupa um dos logares mais distinctos. Cultor apurado e assiduo da lingua que fallamos os dous povos irmãos, e um dos primeiros entre os mais abalisados dos seus mestres; defensor entusiasta da antiga gloria lusitana; e admirador ardente e apaixonado de Camões, Ferreira, Moraes, e Nascimento, quem mais que elle merecia lembrado e preconisado? O seguinte facto, entretanto, mostrará a consideração que, com todos esses titulos, elle mereceu n'este paiz á litteratura militante.

Contestava-se a Portugal a gloria de haver sido a patria do auctor do *Palmeirim de Inglaterra*. Francisco de Moraes, dizia-se, não fizera mais do que traduzir ou imitar o romance originalmente escripto em hespanhol. A principio ainda se fazia tal qual resistencia á estranha e injusta pretensão, mas a final cedia-se já, e por tal modo, aos especiosos argumentos de Salvá e outros, que um escriptor de tanta consciencia, gravidade, e erudição, como o auctor do novissimo Diccionario Bibliographico, chegou a sancionar com a auctoridade do seu voto a usurpação hespanhola. Assim, o afamado Palmeirim de Inglaterra estava já definitivamente desnaturalisado de portuguez, e Luiz Hurtado, e não Francisco de Moraes, era o seu legitimo e verdadeiro auctor.

Indignado contra esta espoliação Odorico Mendes escreveu um opusculo, simples, conciso, substancial, e com argumentos irrefragaveis e concludentissimos, não só reivindicou para a litteratura portugueza este malbaratado fructo do engenho de Francisco de Moraes, mas suscitou á memoria obliterada dos contemporaneos a fabula do poema, os seus mais imaginosos episodios, e as graças de estylo e locução que tanto o recomendaram sempre á admiração dos homens de gosto apurado,

desde Cervantes até Walter Scott e Southey. Esse opusculo, fe-lo imprimir aqui, vae em dous annos, sem outro estimulo e interesse, mais que o de servir á gloria da lingua em que falla e escreve.

Acredita-lo-heis? Nem um só jornal, politico ou litterario, fez a mais simples menção d'este accuradissimo trabalho, ou annunciou sequer a sua publicação! E ainda não ha muitos mezes, discutindo incidentemente o assumpto, affiançavam algumas folhas diarias de Lisboa que a origem portugueza do celebre romance de cavalleria nunca fôra objecto de duvida! Deos sabe entretanto se os poucos argumentos e datas que invocaram concluíam a favor de Portugal ou da Hespanha. Mas o que ainda d'esta feita certamente não fariam, era citar o nome e a obrinha de Odorico Mendes, se já depois de encerrado o curto debate, em que chistosa e reciprocamente se motejaram, alguma alma perdida não fizesse a um d'elles a revelação d'aquelle profundo e impenetravel segredo.

Não permitta Deos que ao censurarmos esta incrível ignorancia das cousas que respeitam o Brazil, deixemos de fazer justiça aos homens serios e applicados que se têm subtrahido á sem rasão commum. Pouco ha mencionamos duas grandes excepções; a continuação d'este trabalho nos proporcionará occasião de registrar brevemente outras não menos honrosas.

## II

Manuel Odorico Mendes nasceu na cidade de S. Luiz, cabeça da antiga capitania, hoje provincia do Maranhão, aos 24 de janeiro de 1799. Oriundo das familias mais antigas e distinctas do paiz, descende pelo lado paterno e materno do heroico restaurador do Maranhão, o capitão-mor Antonio Teixeira de Mello, natural da mesma ilha feliz em que nascêra tambem o restaurador de Pernambuco; e pelo materno, do desditoso Bekman, cuja memoria já em outro estudo tivemos occasião de rehabilitar, vingando-a das injurias da sorte e de baixos detractores contemporaneos.

Mas de homens taes como Odorico é que se póde com fundamento dizer que transmittem a nobreza propria á terra em que nascem, e a todos os que lhes pertencem, sem a receberem de ninguem. O vivo e talentoso menino começou bem depressa a exhibir os titulos valiosos que lhe davam direito a ella, nos estudos elementares e preparatorios que lhe foi possivel fazer nas escolas de S. Luiz; e taes foram os passos com que encetou a

carreira, e os applausos dos mestres e entendidos, que seu pae, a quem não falleciam os dons da fortuna, assentou para logo de envial-o a Coimbra, n'aquelle tempo objecto das preocupações e alvoroços da mocidade estudiosa, onde todos os talentos iam buscar a sua consagração, e sem cujos pergaminhos a nenhum era dado aspirar ás honras e grandezas, a que então podia chegar um natural do Brazil.

As felizes disposições d'aquelle novél engenho eram principalmente para a poesia e para as letras; foi todavia na faculdade da medicina que o matricularam. N'aquella universidade completou Odorico os preparatorios, e fez inteiro o curso de philosophia natural. Mas os estudos severos e obrigados não lhe impediam de modo algum o trato ameno das musas, muito mais grato ao seu espirito; e foi á volta d'elles que além de outros cantos, entre os quaes sobresahia uma ode á independencia da provincia natal, compoz esse famoso hymno á tarde, tantas vezes reproduzido pela imprensa, no qual, em versos repassados de ternura e sentimento, cantou as saudades da patria ausente e as doces recordações da primeira infancia.

Entretanto, fallecendo seu pae, e faltando-lhe de repente, por motivos que não importa referir aqui, os supprimentos indispensaveis para poder subsistir em terra estranha, voltou Odorico ao Maranhão no proposito de obviar aos embaraços que obstavam á continuação dos seus estudos; mas restituído á patria, outros destinos o aguardavam.

### III

O Brazil chegára emfim á idade viril, e não era possivel que continuasse por mais tempo sob a tutella da antiga metropole. As circumstancias apressaram apenas o desfecho, aliás inevitavel. O principe real se havia posto á frente do movimento de separação com um ardor por tal modo revolucionario e violento, qual se mostrou claramente na divisa adoptada de *independencia ou morte*; e d'ahi os actos e proclamações em que nenhum genero de excitação era poupado para estimular os brazileiros contra o predominio portuguez, então representado e concentrado na omnipotencia das cortes de Lisboa, e na cega obstinação dos seus adherentes no Brazil.

Mas vencido Portugal quasi sem esforço e pela simples natureza das cousas, começaram logo as dissidencias entre o principe e os seus novos subditos, e pouco tardou que, arrebatado pelo seu character, e por circumstancias fataes, D. Pedro se não lançasse

nos braços dos portuguezes e reaccionarios, e não rompesse no excesso de dissolver a constituinte, deportando e perseguindo os Andradas e outros notaveis cidadãos, que de seus recentes cooperadores na grande obra da emancipação se haviam convertido em declarados adversarios. Este golpe de estado e os mais actos de violencia, que o acompanharam e seguiram, irritaram de tal modo o partido brasileiro que, sem embargo da promulgação da nova constituição, desde logo solemnemente promettida como um calmante, Pernambuco e outras provincias do norte se sublevaram, e proclamaram a chamada confederação do equador.

O movimento republicano foi sopeado; mas, cousa triste de recordar-se, D. Pedro, não satisfeito de o ter vencido pelas armas, inspirado por uma politica de rancor e de vingança, recorreu ao expediente vulgar e funesto dos cadafalsos. Elle que se havia rebellado contra a propria patria e contra a auctoridade do rei, ao mesmo tempo seu pae e seu soberano; e que na dissolução da assembléa, violando o dogma da soberania nacional, invocado pouco antes, e em virtude do qual reinava, se constituira em estado de flagrante illegalidade; este principe, grande e illustre revolucionario, se jamais o houve, fez enforçar e fuzilar a outros revolucionarios, pelo crime de haverem reagido contra o golpe de estado:—victimas obscuras, cujo perdão mal bastaria a honrar a sua clemencia, e cujo sacrificio foi assaz poderoso para perpetuar o horror de uma tyrannia odiosa, posto que passageira.

O vulto sinistro dos supplicios exposto aos olhos da multidão consternada nas primeiras cidades do Brazil; a malfadada guerra do rio da Prata, a impolitica ingerencia nos negocios e contendas dynasticas de Portugal, a incapacidade, ou antes inexperiencia dos seus ministros, e o favor decidido á facção reaccionaria, dita portugueza ou recolonisadora, ajudado tudo das indiscretas velleidades despoticas do principe, o despenharam no ultimo abysmo da impopularidade, que ainda vieram aggravar a viagem de Minas e as assuadas de março — tentativas tam desastradas e ineptas para rehabilitar uma situação exhausta, como odiosas ao sentimento da nacionalidade, exasperado então no ultimo grau. Assim D. Pedro I, saudado por aclamações unanimes e entusiasticas nos dias felizes da independencia, desamparado então do ultimo dos seus cortezãos, desceu tristemente do throno, e por entre os clamores de uma população animada de sentimentos hostis, encaminhou-se solitario a buscar abrigo em uma náu estrangeira. Severa mas

justa lição aos principes que esquecem a origem popular da auctoridade de que abusam, e nos seus devaneios presumem de poder impunemente offender as susceptibilidades de um povo brioso.

Mas a justiça para ser completa, ha de juntar á punição das faltas o galardão do merito e dos serviços. Foi por isso que o Brazil, trinta annos depois e sob o reinado pacifico e benefico do herdeiro d'este throno abandonado, erigiu um soberbo monumento ao primeiro imperador.

Os erros de D. Pedro I tem a sua explicação como a sua desculpa em uma educação incompleta e mal dirigida, na inexperiencia da mocidade, nas circumstancias extraordinarias e difficeis em que elle sempre se achou, e nas tradições e practicas inveteradas do antigo regimen, com as quaes nunca pôde romper abertamente e de todo, apesar das transformações externas e superficiaes operadas pela revolução, e das suas tendencias pessoaes para as idéas liberaes. O sangue vertido nos cadafalsos não era mais que o fructo amargo d'essa abominavel justiça politica, tam antiga como o mundo, e que o passado lhe legára. Por justas que fossem as queixas da nação, a confederação do equador, proclamando a republica, despojava o imperador de um throno que elle sem duvida entendia dever mais á herança dos seus maiores, que ao voto unanime dos povos, dado que o ultimo titulo fosse o unico que lhe reconhecesse a propria constituição por elle promulgada. D'ahi a sua cholera e os actos de vingança que d'ella nasceram; que em verdade, e como bem o dizia o P. Antonio Vieira—«não ha ciumes mais impacientes, mais precipitados e mais vingativos, que os que tocam no sceptro e na coroa; e apenas terá havido purpura antiga nem moderna que por leves suspeitas n'este genero se não tingisse em sangue.»

Por outro lado, os serviços que o imperador prestou ao Brazil são immensos e gloriosos, e contrabalançam, se é que não superam, os erros que os acompanharam; porque estes affectaram apenas os seus contemporaneos, e com elles desapareceram; e os resultados d'aquelles perduram ainda, e se hão de fazer sentir até á mais remota posteridade.

Fundador do imperio, D. Pedro associou o seu nome á independencia de um modo irrevogavel; e se por um acto de arbitrariedade impaciencia violou a representação nacional, para logo fez elaborar e promulgou uma constituição liberrima, a cuja sombra temos atravessado quarenta annos de uma existencia comparativamente normal, no meio das vicissitudes e catastro-

phes em que no antigo e novo mundo se tem subvertido tantos artefactos da politica—thronos e republicas.

Coração generoso e heroico, sem embargo de umas tantas veleidades despoticas, e de certa inconstancia natural que uma morte permatura não permittiu á idade o corrigir, elle amou a liberdade sinceramente, e sempre inclinou o animo a acções grandes e lustrosas. Foi sem duvida a impulsos d'esse grande coração que, depois de haver fundado a independencia e o imperio, recuou diante da luta suprema, na qual para soste o throno, teria de comprometter a sua obra; e regressando á primeira patria, coroou nobremente uma vida tam agitada, dependendo-a e exaurindo-a até o ultimo alento na restauração da liberdade que lhe legou como sobeja compensação de antigos e juvenis aggravos.

Mas a justiça feita ao príncipe, por nenhum caso se ha de negar aos cidadãos generosos que até a ultima extremidade resistiram corajosamente aos seus erros. Não falta presentemente quem injurie e renegue a revolução de sete de abril, e a diffame e responsabilise por todos os movimentos anarchicos, calamidades e transtornos que se lhe seguiram. Do que porém se guardam bem todos esses fieis adoradores da fortuna e dos poderes em florescencia, é de nos expor qual teria sido a sorte do Brazil, se D. Pedro, abandonado na desgraça pelos cortezaos, não tivesse apenas o seu grande coração para o aconselhar, e em vez de ceder, preferisse lançar-se em todas as aventuras da contra-revolução. Os vencedores ao menos souberam usar da victoria com moderação. Desviado o perigo que ameaçava a liberdade, rodearam o berço do menino imperador, e sob a égide da constituição, conseguiram reprimir e desarmar as facções furiosas que com encontrados pretextos e diversas bandeiras a assaltavam por todos os lados. Durante esse primeiro e agitado periodo da menoridade, inaugurou-se a politica de brandura, legalidade e constitucionalismo que arreigou as instituições, e dispensou o emprego do cadafalso politico, por uma vez extirpado;—politica sabia e fecunda que o tempo foi consolidando, e hoje faz a honra e o lustre do segundo reinado. Esta só consideração bastaria á justificação e ao elogio d'esses benemeritos cidadãos: D. Pedro, retirando-se, deixou entregue á revolução victoriosa o infante herdeiro do throno, sem outra garantia além da confiança que punha no patriotismo e moderação dos seus auctores; e estes, guardando fielmente o deposito sagrado, finda a sua missão, desceram do poder com as mãos e a consciencia igualmente puras.

## IV

O Maranhão não havia escapado á sorte commum na crise da independencia; e ainda que as perturbações que o affligiram então não chegassem a tomar o caracter de uma revolta declarada contra a auctoridade do soberano, cuja voz, ao contrario, invocavam todos os bandos oppostos, não é menos certo que a guerra civil assolou a provincia durante dous annos, sem mais causa que as ambições pessoas e de familia que aspiravam a uma influencia exclusiva. Á chegada de Odorico Mendes acabava de operar-se a pacificação material, mas a dos animos, profundamente irritados, era menos que apparente, e para recommear a luta, bem que em outro terreno, e sob outro aspecto, só se aguardava a occasião, que se não fez esperar. Existiam em germen os elementos de que em breve se haviam de organizar por todo o imperio os dous grandes partidos antagonistas. Sollicitado pelos amigos, e ainda mais pelo seu proprio patriotismo, Odorico Mendes não hesitou um momento, arremessou-se na arena com todo o ardor e impetuosidade de uma alma juvenil, e escreveu o *Argos da Lei* em opposição ao partido representado na imprensa pelo *Amigo do Homem*, e pelo *Censor*, ambos redigidos por escriptores nascidos em Portugal, como tambem o eram a maior parte dos seus adherentes. Esta circumstancia, e a doutrina do predomínio exclusivo da auctoridade, que prégavam sem rebuço, deu ao partido feições tam characteristics, que em breve se ficou conhecendo pelo nome de partido portuguez ou absolutista. Fructo da inexperiença do tirocinio politico, e das illusões de um espirito novél, mas escripto em bom e vigoroso estylo, com raro talento, e com todo o fogo de uma paixão sincera e fé ardente, o *Argos* era um jornal evidentemente fadado ao triumpho. Assim, nas eleições feitas poucos mezes depois da sua appareição, o seu redactor era eleito deputado á primeira legislatura. O pensamento de voltar a Coimbra a concluir os estudos desvaneceu-se, como era natural, no meio d'estes successos.

Chegado ao Rio, Odorico alistou-se na phalange liberal, e inscreveu o seu nome a par dos nomes illustres de Evaristo, Paula Sousa, Vergueiro, Feijó, Vasconcellos, Carneiro Leão, Limpo, Costa Carvalho, e tantos outros, que na tribuna como no jornalismo começaram desde então aquella opposição vigorosa e incessante que só devia ter fim com a revolução de sete de abril.

Sem ser orador de primeira ordem, no sentido de fazer longas e bem ordenadas orações, nos curtos improvisos Odorico Mendes era sempre feliz; e se a occasião e o assumpto ó inspiravam, não raro attingia á mais alta eloquencia.

Nas diversas legislaturas, de que fez parte, foi por muitos annos secretario da camara dos deputados, iniciou algumas leis importantes, como a da abolição dos morgados, e a da primeira reforma eleitoral, e cooperou em muitas outras, discutindo-as ou emendando-as; collaborando igualmente na redacção de differentes jornaes durante as sessões, e nos seus intervallos.

Da *Astréa* foi fundador com Vergueiro, Feijó, Costa Carvalho e outros. Costa Carvalho, que falleceu marquez de Monte Alegre, então simples deputado e chefe preeminente da opposição, depois membro da regencia e presidente do conselho em diversos ministerios, havia introduzido a primeira typographia em S. Paulo, onde era um dos mais opulentos proprietarios, e onde fundou o *Pharol Paulistano*. Odorico que no fim de uma das sessões, e a convite d'elle o acompanhára áquella provincia, não só escreveu para o jornal opposicionista grande quantidade de artigos, senão que, á mingoa de operarios, ajudava a composição como typographo. É de todos sabida a decisiva influencia que estes dous jornaes exerceram na corte, e nas provincias do sul.

Collaborou depois successivamente no *Sete de Abril*, escrevendo para elle a maior parte dos versos satyricos que tamanha voga lhe deram na corte; na *Aurora*, no *Jornal do Commercio*, e finalmente na *Liga Americana*, onde de companhia com o senador Aureliano, depois visconde de Sepetiba, combateu as injustas pretensões da França ao nosso territorio do Oyapoc. Os artigos que escreveu a tal respeito foram, não ha muito, honrosamente commemorados na notavel obra do sr. doutor Joaquim Caetano da Silva — outro precioso livro brasileiro, seja ditto de passagem, quasi, senão completamente desconhecido em Portugal.

A popularidade sempre crescente de Odorico valeu-lhe nova eleição para a segunda legislatura, ainda mais honrosa que a primeira. N'esta ao menos tivera por si o favor da auctoridade; na seguinte teve a sua opposição. O marechal Costa Pinto, presidente do Maranhão, esposando todas as mesquinhas pai-

<sup>1</sup> Foi publicado em francez sob o titulo: *L'Oyapoc et l'Amazone: Question bresilienne et française*. 2 vol. Paris, 1861.

xões do partido dominante, tinha feito arbitrariamente recrutar o redactor do *Pharol Maranhense*, e accumulando desacerto a desacerto, prohibira sob futeis pretextos a publicação de um novo jornal com que Odorico Mendes quiz substituir o que fôra supprimido. Os Maranhenses responderam a um e outro attentado elegendo-o pela segunda vez com grande maioria, ficando completamente derrotado o marechal-presidente, seu competidor.

A mesma ruim fortuna teve o governo geral por quasi todo o imperio; e como se lhe ella não bastára, aggravou-a elle mesmo, pois obedecendo ao mau vezo antigo, suspendeu as garantias, e creou commissões militares, a pretexto de um insignificante motim em uma obscura villa de Pernambuco, o qual por si mesmo se desvaneceu, desfechando assim em vão o golpe do governo. Crime inutil, e inhabilidade insigne, em presença de uma opposição triumphante, alternativamente irritada e acoçoada pelas provocações e irresoluções de ministros simplesmente ineptos, n'uma situação em que toda a dextreza e prudencia de estadistas consummados não seriam de sobejo.

O ministerio foi accusado na camara dos deputados, e Odorico Mendes, com o denodo e galhardia do costume, foi o primeiro a ferir a batalha; e de maneira se houve n'esta memoravel discussão que mereceu a honra d'uma interpellação directa do monarcha. A anecdota merece referida, que, sobre curiosa em si, pinta bem a tempera dos caracteres, e os menceios e costumes politicos do tempo. Finda a sessão, foi Odorico despedir-se do imperador, que em publica audiencia, e na presença das deputações das camaras e de toda a corte, lhe disse inesperadamente, alludindo sem duvida á parte vigorosa que elle tomára na accusação: «*Senhor Odorico, não seja tam inimigo dos meus ministros.*» «*Senhor, respondeu-lhe incontinente o deputado liberal, eu lhe sou um subdito muito fiel, mas quanto ás minhas opiniões, hei de sempre exprimi-las segundo a minha consciencia, e para isso é que me cá mandaram.*» O imperador, com todos os seus defeitos, tinha rasgos generosos, e amava a franqueza; e é fama que a do corajoso representante do Maranhão lhe não desegradára.

O ministerio todavia conseguiu escapar á accusação por poucos votos; mas a victoria moral da opposição foi tam completa, que o governo imperial ficou de todo arruinado na opinião publica. Isto se passava em 1829. No anno seguinte a revolução de julho na França veio precipitar a crise, que fez a sua explosão final em 7 de abril de 1831.

Odorico Mendes tomou parte mui principal n'esta revolução, já entendendo-se pessoal e directamente com os chefes da força militar, já convocando por circulares de sua letra os deputados e senadores presentes na corte, que foi mister reunir á pressa para proverem ao governo do estado em abandono; já finalmente exercendo decidida influencia na escolha dos membros da regencia provisoria, e da permanente que se lhe seguiu com pouco intervallo.

A questão da abdicação, prevista por todos, foi agitada nos clubs que a precederam. Odorico Mendes, em todo o tempo conhecido pela isenção e ousadia das suas opiniões, nunca fizera mysterio algum dos seus principios democraticos e quasi republicanos; mas tampouco cuidou jamais de os alardear com vã e esteril ostentação, nem de impôr ás repugnancias dos seus concidadãos fórmas politicas que elles tem por impossiveis. Foi sob a influencia d'estas idéas que com Evaristo e outros opinou pela conservação da monarchia, salvo que a occasião e a menoridade se deviam aproveitar para fazer na constituição as reformas indispensaveis, mormente as que tendessem a alargar as franquezas provinciaes. A idéa da republica, sustentada por poucos, foi sem custo repellida.

Preservados os principios, cumpria acudir pelas pessoas, cujo perigo era imminente, pois a multidão, exasperada ainda com os recentes attentados de Março, em que tanto haviam sobressahido os portuguezes e adoptivos, e excitada pelo proprio triumpho, ameaçava demasiar-se em excessos contra os mais compromettidos d'entre elles. Odorico alçou então a voz, e fez esse discurso memoravel em que, commovido e derramando lagrimas, pediu o perdão dos que chamou illudidos, seus inimigos da vespera, mas, dizia elle, enlaçados comnosco em proximo parentesco, maridos de nossas mães e de nossas irmãs. O effeito d'estas palavras foi immediato e prodigioso; e tudo n'ellas honrou não menos o orador, que a multidão que o attendeu e victoriou.

Comtudo d'estas divergencias resultou em breve a scisão do partido vencedor em moderados e exaltados. Odorico declarou-se pelos primeiros, e d'ahi começou a declinar a sua popularidade, porquanto comparada a guerra que fizera ao partido portuguez em sua força e poderio, com a protecção que ora dava e pedia para os vencidos, encabeçava-se a apparente contradicção, não já em simples volubilidade ou incoherencia de principios, senão em formal infidelidade e apostasia. Assim pelo menos raciocinavam os do Maranhão que querendo levar a

revolução ás suas ultimas consequencias, expulsando dos empregos todos os parciaes do regimen decahido, se empenharam em movimentos sediciosos, e foram vencidos pela auctoridade. Odorico Mendes, chegando então á provincia, escreveu no *Constitucional* contra esses movimentos illegaes. Este procedimento que mais tinha de franco que de prudente e reflectido, acareou-lhe immediatamente o apoio dos adversarios, mas irritando em alto grau os antigos partidistas, acabou de alienar-lhe a opinião da provincia. Em vão procurou elle congraçar os animos, promovendo a amnistia para os compromettidos. Os seus esforços foram paralyzados diante das exagerações inconciliaveis dos partidos, e nas primeiras eleições que se seguiram em março de 1833, não só deixou de ser reeleito, como mal pôde conseguir a quinta parte dos votos que obteve a lista contraria.

É certo que logo no segundo anno da legislatura foi chamado a supprir a vaga que deixára na respectiva camara o deputado Costa Ferreira, depois barão de Pindaré, então nomeado senador; e que ainda em 1844 foi eleito para a mesma camara pela provincia de Minas; mas a carreira politica de Odorico como que déra fim com a primeira exclusão que soffreu, e com o desgosto que lhe ella trouxe.

## V

Absorvido no tumulto das lides parlamentares e politicas, e nos incessantes deveres de um cargo superior de fazenda que exerceu por muitos annos, mal lhe sobejava o tempo para o dedicar ao culto da poesia e das letras, seu primeiro amor, já-mais totalmente abandonado, mas tampouco entretido com a assiduidade e fervor que cumpria. Assim mesmo, não pouco fazia elle, no meio de taes vicissitudes, alimentando sempre o fogo sagrado, que nunca de todo se extinguisse.

Ao primeiro e agitado periodo da existencia de Odorico Mendes pertencem pela maior parte as suas composições originaes, cuja collecção poderia ser numerosa, se elle se tivesse dado ao trabalho de a coordenar. Poucas comtudo chegaram a ser impressas em jornaes e folhas avulsas; e muitas se perderam manuscriptas na Bahia, em uma das frequentes viagens que fazia entre o Maranhão e o Rio, sem que o poeta procurasse, emquanto era tempo, remir a perda, restaurando-as com a memoria ainda fresca.

E todavia, pelas que alcançámos conhecer, essas poesias deviam de ser de grande merecimento, e dignas em tudo de um

engenho filho da mesma terra privilegiada e feliz que deu o berço a Gonçalves Dias, a Sotero dos Reis, a Trajano Galvão, a Pereira da Silva, a Franco de Sá, o moço, e a tantos outros favorecidos do dom divino.

A patria, a sua gloria, independencia e liberdade, a virtude, a familia, os castos amores, os pezares e amarguras da vida, são o assumpto predilecto d'esses canticos, onde reina um tom de candura e melancolia serena e resignada, cheio de suavissimos enlevos. Linguagem correcta, pura, e portugueza de lei; estylo simples, mas não sem elevação e decoro; e versificação facil, branda e harmoniosa, são dotes que os caracterisam em summo grau.

Pelos seguintes extractos poder-se-ha formar idéa do merecimento d'essas composições.

O furacão da morte  
 Varre medonho os campos da existencia,  
 Perdôa a secos troncos,  
 Leva comsigo florescentes plantas,  
 Cuidados do colono esperançoso.

.....  
 .....

Quam triste afinal scena!  
 Mas o quadro da vida inda é mais triste.  
 As breves alegrias  
 N'um só ponto apparecem mal distinctas,  
 E sombream-lhe o fundo os infortunios.

Que bens ha cá na terra?  
 O crime estende o formidavel sceptro,  
 Raro fulge a virtude;  
 Em torno ao coração o prazer vóa,  
 A dor penetra, e vae sentar-se no amago.

(O sonho, Ode.)

.....  
 .....

Tarde serena e pura, que lembranças  
 Não nos vens despertar no seio d'alma?  
 Amiga terna, diz-me, onde colhes

O balsamo que esparges nas feridas  
 Do coração? que apenas dás rebate  
 Cala-se a dor; só geras no imo peito  
 Mansa melancolia, qual ressumbra  
 Em quem sob os seus pés tem visto as flores  
 Irem murchando, e a treva do infortunio  
 Pouco a pouco ante os olhos condensar-se.

.....  
 Mas da puericia o genio prazenteiro  
 Já transpoz a montanha, e com seus risos  
 Recentes gerações vae bafejando:  
 Àquem ficou á angustia que moderas,  
 Ó compassiva tarde! Olha-te o escravo,  
 Sopeia em si os agros pezadumes;  
 Ao som dos ferros o instrumento rude  
 Tange, bem como em Africa adorada,  
 Quando, tam livre! o filho do deserto  
 Lá te aguardava; e o echo da floresta,  
 Da ave o gorgoio, o trepido regato,  
 Zunindo o vento, murmurando as sombras,  
 Tudo em cadencia harmonica lhe rouba  
 A alma em magico sonho embevecida.

(Hymno á Tarde.)

Entretanto Odorico Mendes, em sua modestia, nunca fez grande cabedal d'essas composições originaes; e d'ahi sem duvida resultou o pouco cuidado a que se deve o andarem dispersas, ignoradas ou perdidas. «Não possuindo (escreveu elle mesmo no prologo da primeira edição da sua Eneida) o engenho indispensavel para emprehender uma obra original ao menos de segunda ordem, persuadi-me todavia de que o estudo da lingua e a frequente lição da poesia me habilitavam para verter em portuguez a epopéa mais do meu gosto.....» «.... só abrigado sob as azas de tam sublime escriptor durarei na memoria dos nossos concidadãos, ainda uns annos depois da sepultura.»

Sendo este o conceito que fazia do proprio talento, tinha necessariamente de dar ao emprego d'elle uma direcção particular. Foi assim que já desde 1831 havia publicado uma traducção da Merope de Voltaire, e em 1839 outra do Tancredo do mesmo auctor. Ambas mereceram os elogios dos entendidos, e a segunda especialmente uma douda e bem elaborada analyse do sr. Fran-

cisco Sotero dos Reis, abalisado philologo e latinista maranhense que a publicou na *Revista*, jornal que redigia então.

Mas foi só depois de finda em 1847 a ultima legislatura a que pertenceu, que Odorico Mendes, passando-se para a França, se consagrou inteiramente ao trabalho das suas versões, em que comtudo annos havia já se occupava, conforme lh'o permittiam as outras obrigações a que estava sujeito. A primeira edição da Eneida publicada em Paris em 1854, seguiu-se outra em 1858, comprehendendo todas as obras do grande epico latino<sup>1</sup>.

Em assumpto já devidamente discutido e sentenciado, a nossa voz, por incompetente, deve calar-se. Ouçamos porém a dos grandes mestres.

«Nesta aprazivel traducção (escreveu o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, distincto professor de poetica e litteratura classica, no lyceu de Coimbra) achei fielmente trasladados em a nossa lingua os conceitos, as paixões e os sentimentos do epico latino, e sem diminuição nem acrescimo, repostas as suas mesmas imagens, e ainda muitas das suas figuras. Bem sabia o sr. Mendes que o verdadeiro traductor não deve ser paraphrasta senão fiel copiadador e retratista, *fidus interpres*. Ali apparecem postos em luz clara varios passos da Eneida, onde illustres commentadores não haviam atinado com o genuino sentido, mas que o eximio traductor pôde alcançar. Isto ficará evidente a quem consultar as excellentes notas, que seguem cada um dos cantos do poema, e em que o mesmo ostenta vasta erudição e critica judiciosa e esclarecida.

«Elegante, limada e polida é a sua phrase, e seus versos correm quasi sempre com facilidade, são de ordinario cadentes e numerosos. A perspicuidade, a precisão, e ainda a concisão bem entendida, a propriedade dos termos, o gosto delicado; todas estas virtudes lá offerecem o seu agradavel donaire. Esse grande segredo dos mestres, a harmonia imitativa, que ora pinta pela onomatopeia as qualidades sensiveis dos objectos, ora emprega a analogia dos numeros ou rythmos com as idéas ou com os sentimentos; essa bella harmonia, a que nenhuma das linguas modernas se presta por ventura tanto como a nossa, em innu-

<sup>1</sup> Sobre as differentes produções de Odorico Mendes e as edições que têm tido, veja-se no Duccionario Bibliographico do sr. Innocencio Francisco da Silva, T. 6.º, pag. 72. o artigo respectivo, onde tambem o sabio e erudito escriptor portuguez em traços concisos e substanciaes faz justiça ao elevado merecimento do brasileiro, e confessa nobremente o erro a que foi induzido ácerca da verdadeira originalidade do Palmeirim de Inglaterra.

meraveis phrases e versos a descobrirá o leitor de tacto fino..

..... «Em forjar palavras novas alguém quizera que tam bom traductor fosse mais sobrio : *Dabitur licentia sumpta pudenter*. Quem souber todavia que, só nos Lusiadas, Camões introduzira duzentas palavras latinas, e que depois d'elle em todas as eras quasi todos os bons poetas as foram innovando, não estranhará tanto a sobejidão dos neologismos em todas as paginas d'esta traducção. Para estas innovações tinha o traductor pedido venia, e tem a sua principal descarga na necessidade ; sendo que, como elle em suas notas mostra, só por aquell'arte podia guardar a precisão, que tam justamente ama, e copiar a justeza das idéas e força dos pensamentos do seu prototypo...

« ..... Eu antevejo que a auctoridade de tam grande philologo, que já estimo, amo e respeito, ha-de achar quem abraçe os seus neologismos; ver-se-hão elles, correndo o tempo, entrar no dominio do uso. Assim se ha seguido o exemplo de outros ; assim se tem enriquecido e hão-de enriquecer as linguas. Puristas haverá de sentir menos conforme ao meu ; embora : outros sentirão comigo. Grande é o serviço que á nossa litteratura fez o traductor. Longe de mim o rebaixar as traducções que já possuímos das obras de Virgilio, inteiras, e em fragmentos, como a do canto quarto da Eneida, admiravelmente traduzido por Manuel Mathias ; mas das traducções completas é opinião minha, e não só minha, senão de dous respeitaveis litteratos, que esta traducção a todas leva a palma.»

«Um comprovinciano nosso (falla agora o já citado sr. Sotero dos Reis) o sr. Odorico Mendes, actualmente em França, tem feito da lingua de Camões, de Ferreira, de Garção, e de Francisco Manuel, ou da linguagem poetica do idioma portuguez, um estudo tam aprofundado, que n'este conhecimento, e nos que com elle tem estreita relação, como o da linguagem poetica dos idiomas estranhos, não encontra rival no Brazil, e não sabemos que haja quem o exceda em Portugal n'estes ultimos tempos.

«Desde a mais tenra mocidade cultivamos a preciosa amisade do sr. Odorico Mendes, e sempre o conhecemos dedicado a este genero de estudos, que hoje tem levado a grande apuro e perfeição, como o attestam as suas obras, e com especialidade a traducção da Eneida, com que enriqueceu a nossa litteratura, e em que a lingua portugueza aposta com a latina primores

de concisão, clareza, flexibilidade, graça, galhardia, força, riqueza e pompa, senão pela ventura de harmonia e magestade

.....  
 .....  
 «A traducção da Eneida pelo sr. Odorico Mendes é indubitavelmente superior a quantas do mesmo poema se tem até hoje publicado em portuguez, as quaes são rasteiras em comparação d'ella, e póde correr parelhas com as mais gabadas feitas em outras linguas. Nem a de João Franco Barreto, que é uma paraphrase não poucas vezes feliz, nem as de Lima Leitão e de Barreto Feio, nos dão uma idéa tam ajustada e exacta das bellezas do original, porque nenhuma soube como ella reproduzir ao vivo as suas imagens, figuras, perfeição do estylo.....

.....  
 .....  
 «Com ser tam primorosa, não deixa esta traducção, assim como tudo o que nos vem dos homens, de ter defeitos; e esses nascem pela maior parte de uma de suas principaes virtudes, ou da concisão levada ao extremo. O nosso poeta traduziu cada um dos livros da Eneida em numero de versos portuguezes, que pouco excede aos hexametros latinos; o que, sendo estes de mais extensão que aquelles, é em verdade um grande merito; mas o desejo de ser conciso foi por outro lado parte para que alatinasse algumas vezes a phrase portugueza.....

.....  
 .....  
 «Mas estes raros, e aliás desculpaveis defeitos, em trabalho de tam difficil execução, qual é a versão do poeta mais perfeito da antiguidade, são compensados por tanta phantasia e vigor de imagens, tanto arrojo e felicidade de figuras, tanta viveza e verdade de colorido, tanta riqueza e propriedade de linguagem, tanta poesia imitativa e onomatopica, tanta e tam sustentada harmonia metrica, ou por tantas bellezas de todo o genero, em summa, que o sr. Odorico Mendes, depois de haver produzido uma tal obra, póde com rasão dizer:—*Non ego paucis offendar maculis.*

«Quanto á adopção de termos latinos, rehabilitação de antiquados, e criação de novos, entendem alguns que o nosso poeta abusou da permissão de o fazer, mas não tem rasão; porque se não houvesse recorrido a esse meio indispensavel para ser bem succedido, teria, como seus predecessores, naufragado na empreza de dar-nos o transumpto de um poema do cunho da epopéa de Virgilio, trajado com todas as galas de uma lingua tam cadente, opulenta e magestosa como é o latim, que, des-  
 \*

acompanhado do cortejo de certas particulas que tornam arastrados e prosaicos os idiomas que hoje fallamos, caminha sempre desembaraçado, sempre livre.»<sup>1</sup>

«De quantas versões poeticas eu conheço (diz finalmente em documento que temos á vista o sr. Antonio José Viale, o illustre professor de litteratura, e eximio poeta e traductor elle mesmo,) nenhuma faz vantagem a esta em fidelidade, e nenhuma talvez (a não serem as de Solari) a iguala em concisão. Verdade é que a severissima adstricção a competir em brevidade com o original (e com original latino) não póde deixar de quando em quando de empocer algum tanto á perspicuidade do estylo, e á melodia do verso (risco de que se preservam cautelosos os paraphrastas.) Comtudo n'esta novissima e optima das traducções de Virgilio o mais rigido Aristarcho rarissimos versos achará que mereçam a censura de pouco claros ou de de menos cadentes.

«Que direi da pureza, propriedade e copia da dicção da Bucolica, Georgica, e Eneida Portugueza do sabio poeta brasileiro, e das excellentes notas de que são seguidas? Estou persuadido de que na sua leitura muito aprenderão os mais eruditos philologos das duas nações que fallam a mesma lingua *com pouca corrupção* quasi latina. Pela minha parte, em beneficio dos meus alumnos no *Curso Superior de Lettras*, nas minhas prelecções associarei frequentes vezes ao nome immortal do grande vate romano o illustre nome do eximio traductor brasileiro, ponderando-lhes o muito que lhe devem os cultores das musas, e os estudiosos amadores da litteratura nacional.»

Estes votos tam auctorisados, e cuja imparcialidade é attestada pelas suas mesmas divergencias em pontos secundarios, bastariam só de per si a qualificar o elevado merecimento de Odorico Mendes como traductor; mas os nimiamente escrupulosos, que se não pagam de juizos alheios, não tem mais que examinar a traducção, e as copiosas notas que a acompanham, e onde o poeta, fazendo a apologia dos notados defeitos de sobejidão de neologismos, de obscuridades, e durezas da versificação, demonstra victoriosamente já a necessidade da adopção dos termos novos que introduziu, já que os mais dos vocabulos de origem latina, que se lhe arguem como innovações, de ha muito tinham foro de nacionaes, introduzidos e naturalizados por outros grandes mestres; já finalmente que em cer-

<sup>1</sup> Ambos estes juizos que extractamos se encontram em sua integra na edição do *Virgilio Brasileiro* de 1858, a pag. 2 e 797.

tos logares, a apparente dureza da metrificacão, aliás facil de tornear em cadencia especiosa, era mui de industria procurada para verter com toda a energia e propriedade as bellezas do original. Nem ha ahi duvidar da exactidão d'esta ultima asserção, se attendermos aos innumeraveis versos de uma melodia irreprehensivel que no proprio *Virgilio Brasileiro* deleitam o ouvido a cada passo, e que são continuos e quasi sem excepção na traducção das duas tragedias de Voltaire, onde o poeta não tinha que lutar com a concisão do latim, tam difficil de attingir.

Essas notas porém não são meramente apologeticas. Escripitas com sobriedade e temperança, em estylo chão e natural, em que se reflecte, como em fiel espelho, a alma singela e pura do auctor, são um riquissimo thesouro de variada e escolhida erudição, e constituem uma maneira de curso de litteratura, em que abundam os exemplos e conselhos judiciosos, e onde muito acharão que aproveitar quantos se dedicam a este genero de estudos.

Sem conservar-se encerrado nos limites da poesia, faz tambem o auctor frequentes digressões nos dominios da historia e da politica; e remontando-se ás mais elevadas considerações da moral publica e privada, ora o veremos exprimir votos calorosos pela abolição da escravidão na sua patria, ora confundir na mesma severa reprovaçãõ os excessos da tyrannia e da anarchia, ora emfim tomar a defeza do deprimido e desdenhado Portugal, como quem sente e conhece que a solidariedade dos dous povos irmãos, sem embargo da revolução que os separou politicamente, subsiste ainda a muitos respeitos, e ha de perdurar por tempos infinitos. Mal podemos vencer-nos que não reproduzamos n'este logar o que sobre o ultimo assumpto escreveu este digno brasileiro, contradictoriamente accusado, em differentes epochas, ora de parcial, ora de antagonista dos portuguezes.

«Delille é quasi sempre infeliz quando cita a Camões (lê-se em uma das referidas notas ao *Virgilio Brasileiro*)—O painel da grandeza de Romã na revista da posteridade de Enéas, diz elle, é sublime creação do poeta latino: imitaram-n'o Tasso, Camões, Milton e Voltaire. Na *Jerusalem libertada* os destinos da casa d'Est, preditos a Reinaldo, não tem historicamente assaz importancia para auctorisar o maravilhoso; o mesmo, a gloria de Portugal, encerrada em pequenissimo quadro, esplendor de pouca duração... De todos os imitadores, Voltaire foi sem duvida o mais feliz, com a vantagem de pintar a epocha mais me-

moravel do espirito humano, e seu estylo tem muitas vezes o brilho da corte de Luiz XIV.—Um francez, Mr. Villenave, assim impugna estes palavrões—O seculo de Luiz XIV foi de certo uma epocha memoravel, não *a mais memoravel do espirito humano*. E o que é um estylo que tem todo o brilho da côrte de um rei?

«Cada um busca celebrer as suas cousas; pequenas aos estrangeiros, são grandes aos nacionaes: o italiano Tassò não devia omitir um principe e uma casa real de Italia para cantar, por exemplo, a de França. Delille, não contente de afrancezar a antiguidade, na sua paraphrase da Eneida, folgara de que o Tasso estrangeirasse a *Jerusalem*, ou pozesse de parte um meio bem cabido na sua epopéa, em comparação da qual a *Henriada*, cumpre confessar, não tem sobejo valor. Se todavia a pequenez da casa d'Est escusa um tanto o mau juizo do critico, a apreciação dos *Lusiadas* é miserabilissima. A epocha de que trata Camões principalmente (digo *principalmente*, porque elle canta os portuguezes em geral) é a mais importante na historia da navegação, vale mais que o seculo de Luiz XIV; o descobrimento da nova rota das Indias por Vasco da Gama, como o da America por Colombo, e o do Brazil por Cabral, mudou a face do mundo, ao commercio deu extensão prodigiosa, augmentou os gosos da vida por toda a parte; derribou, levantou nações; é o acontecimento que marca os tempos modernos. Quanto á duração da gloria portugueza, distingo: se Delille chama gloria só a conquista das Indias, é exacto que oitenta annos depois cahiu a nação pelo dominio castelhana; mas se a palavra comprehende, como deve comprehender, a honra que resulta de todas as suas façanhas, essa gloria já durava seis seculos não interrompidos ao cantal-a o seu immortal poeta. A historia de França não apresentava uma tam longa serie de successos gloriosos até aquella epocha.

«Insisto na digressão, porque não só Delille, os franchinotes viajantes por moda menosprezam a nossa raça. Uma nação da qual nasceu a brazileira, hoje de quasi nove milhões de homens, terceira em população na America, segunda em importancia politica, tem a sua gloria indelevelmente escripta nos annaes do mundo; e ninguem abrirá um mappa do nosso globo, sem n'elle encontrar muitos nomes de paizes de Africa e Asia attestando a parte que o reinosinho do occidente da Europa tem tido no movimento geral da civilisação. Pena é que Delille não marcasse as leguas quadradas, a população, e os annos de celebridade que deve ter qualquer nação para poder

um poeta cantar os seus feitos heroicos. Da pequenez do seu paiz Camões tirou motivo para o louvar na sua magnifica oitava XIV do canto VII e em mais algumas.

«Perdão, se ainda continuo e me extravio. Tenho ouvido já, quasi sempre a descendentes de outros europeus, que *nós* seriamos felicissimos, se tivéssemos sido colonos de outra nação. Antes de tudo este *nós* é um disparate: se o Brazil fosse diversamente colonizado, não seriamos nós os seus habitantes; e devemos aos compatriotas sobejo amor para querermos que elles sejam outros, e não elles mesmos. Portugal produziu um imperio de nove milhões de habitantes; digam-me qual é o que proporcionalmente fez tanto? Apezar das injustiças que dos maus governos soffriamos, apezar de mesquinhos ciumes da metropole, nossos paes nos transmittiram: 1.º a religião mais civilisadora; 2.º franqueza e hospitalidade *á nossa custa*, não de palavras e cortezias; 3.º uma legislação civil melhor que a de nações muito mais presumpçosas; 4.º uma lingua sonora, a mais opulenta, senão para as cousas da industria modernissima, para a historia, para a navegação, para a poesia, com todos os matizes, variedade e graça. Qual é a colonia franceza emancipada? qual é a hollandeza? Tiradas as de Hespanha, mais as de Inglaterra, que produziu a soberba e livre republica norte-americana, as restantes estão ainda debaixo de tutella. Nós já vamos forçando o orgulho a nos ter em consideração, e mais seremos se desprezarmos os medos de conquistas no nosso territorio, e oppozermos energia a vãs ameaças.»

## VI

Vamos concluir, consignando aqui as ultimas noticias e ponderações que nos occorrem acerca da nobre existencia que temos esboçado. Odorico Mendes teve assento no antigo conselho geral do Maranhão; e, em varias legislaturas, na assembléa provincial do Rio de Janeiro. É membro effectivo do instituto historico e geographico do Brazil; da sociedade amante da instrucção, da de instrucção elementar, e socio honorario da academia das bellas artes no Rio de Janeiro; e aqui em Lisboa acaba de ser nomeado socio correspondente estrangeiro da academia real das sciencias.<sup>1</sup> Só uma unica condecoração obte-

<sup>1</sup> Foi admittido por votação unanime, e sob proposta do Sr. Conselheiro Antonio José Viale, em sessão de 23 de outubro deste anno.

ve, sem todavia a sollicitar—a commenda da ordem de Christo, que deve á espontanea munificencia do sr. D. Pedro II.

Os companheiros de Odorico nas lutas do primeiro reinado chegaram todos ou quasi todos ás maiores honras, e ás mais elevadas posições politicas e sociaes. Alguns as deveram sem duvida aos seus talentos fóra do commum; outros á dextreza e agilidade com que souberam manobrar no mar incerto em que navegavam. Mais inflexivel ou menos habil no caminho que preferiu, Odorico Mendes tem visto sem pezar todas essas grandezas, que lhe não couberam em sorte, pago e satisfeito de haver atravessado a vida conservando-a immaculada até da menor suspeita que lhe podesse levemente marear o lustre.

Tendo sahido do Rio em 1847, viveu quatorze annos em Paris, da aposentadoria do seu emprego, e das mingoadas sobras que podera accumular anteriormente, subtrahindo-as ás necessidades quotidianas. A verdadeiros milagres de economia deveu não sómente o subsistir tam longo espaço em honrada mediania n'aquella opulenta capital, fóco de tentações de todo o genero, mas ainda o poder dar uma boa educação aos filhos, dous dos quaes alcançaram logo vantajosos logares de fazenda, graças aos estudos que haviam feito, aos bons officios de um velho amigo nunca deslembrado, e sobretudo á politica esclarecida do imperador, que a nenhum merecimento deixa sem emprego, e nenhum antigo serviço sem galardão.

O anno passado empreendeu Odorico uma viagem á Italia —sonho dourado de toda a imaginação de artista e de poeta, que em fim lhe concedeu o céo realisar apoz tantos annos de expectação. Dir-se-hia que a fabula de mãos dadas com a antiga e moderna historia apraz-se de fazer as honras da hospedagem aos que visitam aquella terra portentosa com o espirito preparado para comprehender e admirar as maravilhas que povôam as suas cidades e ruinas. Por entre essas alas esplendidas e phantasticas de quadros, estatuas, e monumentos de todo genero, d'elles orgulhosos e de pé, outros prostrados pelo tempo e humilhados na poeira; e no meio do arruido e alvoroço da resurreição de um grande povo, atravessou-a Odorico Mendes, e como verdadeiro peregrino da religião das musas, foi junto ao Pausilippo, em cumprimento do voto antigo, depór uma capella de flores sobre o tumulo do poeta amado.

Agora, impossibilitado de voltar á patria, cujo clyma se não compadece com o estado de sua saude, cuida em passar da Italia a Portugal, onde acabe os dias, e onde logre, diz elle, o inefavel prazer de ouvir a sua lingua fallada pelo povo, e sinta

ainda alguns toques de que a alma se comprazia na mocidade.

Homem moldado á antiga, a sua velhice socegada e digna passa-se na pratica de todas as virtudes, e na effusão dos sentimentos de amisade, indulgencia, e brandura que sempre caracterisaram a sua alma affectuosa. Essa placidez porém nem é inerte e egoista, nem esteril. Se a occasião se depara, e as idéas, as palavras, e os successos vibram as cordas que tocam no amor da patria e da liberdade, ou no odio do crime e do vicio, ve-lo-heis inflamar-se como nos dias da primeira mocidade e das grandes lutas, com que poderia repetir-se, e a pplicar-se-lhe o dito da rainha, cujo lastimoso fim cantou na sua versão:

*Sente os vestigios da primeira chamma.*

É assim tambem que, quasi aos sessenta annos de idade, para coroar dignamente uma carreira tam honrosa, emprehendeu com juvenil ardor a traducção completa dos poemas de Homero — tarefa collossal que leva já em mais de meio, pois finda a da Iliada, deu já principio á da Odysséa.

O celebre philosopho e escriptor estoico exclamava transportado — que não havia espectaculo mais digno dos deoses, que o do homem justo lutando com a adversidade. Senão tam grandioso, não é certo menos meritorio o do homem de bem contente da mediocre fortuna, enchendo a vida tranquilla e proficuamente emquanto lhe ella dura, prestes a deixal-a sem pezar quando aproximar-se o derradeiro dia.

Este espectaculo consolador e cheio de ensino nos apresenta Odorico Mendes. Feliz o escriptor a quem coube traçar as linhas singelas que servem de moldura á sua nobre imagem, se ellas conseguirem fortalecer os sentimentos de estima e veneração de que sempre foi objecto entre os seus este homem distincto, cuja preciosa amisade faz o orgulho dos que a possuem, como a sua vida toda inteira honra a terra que lhe deu o berço.

J. F. LISBOA.

## A FESTA E A CHARIDADE.

Composta expressamente para ser recitada pelo actor Santos, no  
Theatro de D. Maria II, por occasião do beneficio á  
associação protectora da infancia indigente.

Qui donne aux pauvres, prête à Dieu.

V. Hugo.

Para uns, abre o Céu *manhã* de flores;  
*meio dia*, de fructos e doçuras;  
*tarde* de encantos mil; *noite* de amores,  
sonhos de gloria, affectos e venturas.

Para outros, as noites não tem lua;  
o sol, é sem calor, o ar, sem perfume;  
o leito... sem enxerga! a meza... nua!  
os armarios, sem pão! o lar... sem lume!

Eis o quadro da vida: entre matizes,  
o grupo dos mimosos da existencia;  
a lida, ao pé, morgado d'infelizes!  
e por fundo, — os andrajos da indigencia!

Do pobre ao rico, ha distancias  
cortadas por muito abysmo,  
que a sorte, ou, quem sabe? o egoismo  
de espaço a espaço afundou.

Salva-os com aereos passos  
meiga virgem da Piedade;  
chamou-lhe Deus *Charidade*,  
e o mundo o nome exalçou.

Á noite, a virgem modesta,  
a casta filha de Deus,  
furta-se aos hymnos da festa,  
e envolta em candidos veus,

desce a escada sumptuosa.  
Mãe aos máus, irmã dos bons,  
lá vai levar carinhosa  
a toda a parte os seus dons.

Aqui, perfuma, suavisa  
como a aragem matinal,  
velho que triste agonisa  
na enxerga d'um hospital.

Sai; — busca afflicta viuva  
na *sobre-loja* sombria,  
e aquece na mão sem luva  
mão pobre, engelhada e fria!

D'ali, sobe a estreita escada,  
são-lhe guia afflictos ais,  
e encontra na *agua-furtada*  
filhos nús, famintos pais;

e leva esmola e carinho  
ao casal desventurado,  
que foi armar o seu ninho  
entre os musgos de um telhado;

imitando o que entre flores  
faz o amante rouxinol,  
que só conta os seus amores  
à noite, ás auras e ao sol.

Onde assoma o transparente  
sendal da candida fada,  
tudo é formoso e ridente  
como os prismas da alvorada.

As rugas caem das frentes,  
os prantos fogem dos olhos,  
as rochas abrem-se em fontes,  
brotam lírios dos abrolhos.

Se descerra os purpurinos  
labios de finos rubis,  
suas palavras são hymnos  
que Deus acceita, e bem-diz!

C'rôa de misticas flores  
lhe entretece a loira trança,  
nos olhos, riem-lhe amores;  
n'alma a fé, no seio a esp'rança.

E quando enfim desaparece  
aos infelizes da terra,  
e apoz a nocturna prece  
poisa a face e os olhos cerra,

velam-lhe o leito os carinhos  
que ella deu a tanta dor;  
as preces dos pobresinhos,  
e á cabeceira, — o Senhor!

E pois que vos disse qual seja a virtude  
mais bella e querida na terra e na gloria,  
deixai-me contar-vos ao som do alaude  
um só dos seus feitos que vivem na historia:

No tempo em que passou no mundo esse terrivel  
Napoleão! o heroe!... o immenso!... o incomprehensivel!  
o anjo do exterminio! o raio! o Deus da guerra  
que enriquecia a França empobrecendo a terra,  
um Arcebispo, um velho, — um santo!... era pastor  
d'almas, que apascentava aos olhos do Senhor.  
Faminto era o rebanho, esteril a campina,  
e á beira-mar o aprisco, a Igreja.

Era divina  
a missão do bom velho! Oh! sim! mas que tormento  
para o triste pastor, ouvir balar o armento!

queimada a urze ao monte, as relvas aos valleiros!  
 sem alimento as mães! sem leite os seus cordeiros!...  
 Deu-lhe quanto podia: a prece, a esp'rança! o pão!  
 tudo o que lhe excogita o honrado coração!  
 e quando achou vazia a sua mão tão nobre,  
 julgou-se mais ditoso! era o primeiro pobre!

Uma noite o bom velho accorda antes da aurora;  
 rumor sinistro o esperta!... «É pois que lá por fóra  
 anda a luctar co'a morte o meu rebanho em risco?!...  
 «será talvez que o lobo entrou no manço aprisco?!...  
 «Acode-lhe Senhor!»—Corre para a janella,  
 abre, espreita!... No ar, não luz nem uma estrella!...  
 O céo negro a poisar nos tectos da cidade,  
 raios a mil e mil rasgando a escuridade,  
 os roncões do trovão e o sibilar do vento,  
 um cahos revoltoso o mar e o firmamento  
 foi tudo quanto viu e ouviu!

Cheio de horror,  
 elleva o pensamento ao Deus do eterno amor  
 e cae.

Horas depois os raios da alvorada,  
 foram beijar-lhe a fronte altiva e tão sulcada  
 pelo minar do estudo e o reflectir da idade.

.....  
 O vento adormeceu; caíra a tempestade.  
 Ergue-se, e da janella.... Ai! que montão d'horrores!  
 Falta na praia um bairro!! Os pobres pescadores  
 lá viram perecer nas ondas do seu mar,  
 muitos, a propria vida! outros, o barco e o lar!

.....  
 Empenha cruz e anel: e o triste bando implume  
 teve naquella dia, abrigo e pão e lume.  
 Mas... no seguinte o almoço! embora fosse parco!  
 e construir-lhe um ninho! e dar-lhe a rede e o barco!...  
 Nisto pensava á noite o homem do Senhor,  
 c'os olhos razos d'agoa, immerso em negra dor!  
 Elle, tam pobre e velho!... A quem pedir sustento...  
 A ponto uns sons d'orchestra entraram no aposento!...  
 ouviu... pasmou!!

—«Meu Deus! em noite, assim funesta!  
 quando a miseria chora, os hymnos d'uma festa!!»—

Medita longo tempo!... apoz, como se a chamma  
do alto ò illuminasse, humilde ajoelha e exclama:  
«Meu Deus! que ouviste a prece ao pobre pecador!  
«comprehendo o teu decreto, entendo-te, Senhor!—  
«Ha baile na cidade! a muzica m'o attesta!...,  
«Falta-me o anel e a cruz!.... Embora! heide ir á festa!»

É meia noite. No baile  
explende inteira a alegria;  
luzes, flores e harmonia  
brilham na fausta mansão;  
Inflamma-se o jogo e a danza;  
recendem mais os perfumes;  
ardem mais vivos os lumes;  
pulsa mais o coração.

Reina o prazer!.... mas a orchestra  
destoa, pára, immudece!  
o entusiasmo arrefece,  
e o redemoinho.... parou!  
Ninguem mais a voz levanta,  
reina um silencio agoireiro!  
Corre ao fundo o reposteiro  
e o velho Arcebispo entrou.

Todas as frentes se acurvam  
ante o Pastor venerando,  
que ao seu baculo encostado  
percorre lento o salão.  
Todos acorrem ás benções  
que elle aos dois lados envia,  
e tem por d'alta valia  
beijar-lhe a rugosa mão.

Chega á domna do palacio  
que estava immovel, absorta,  
regelada, semi-morta  
perante o vulto fatal.  
Para ella, o sancto velho  
era um remorso que entrava  
no seu baile, e que a buscava,  
hírto, livido, mortal!

O velho quebra o silencio:

—«Em noite de tanta dita,

«Se vos faço uma vizita

«importuna, perdoae!

«Na vossa casa, Senhora,

«tendes festa, á festa venho

«e nunca parece estranho

«que os filhos visite um pae.

«Sabeis o que vai lá fora!

«contraste dos vosso brilhos,

«tenho um rebanho de filhos,

«chorosos, famintos, nús!

«Deixei-os no meu albergue;

«ia.... não sei para onde ia!

«da vossa festa a harmonia

«aqui meus passos conduz.

«Encostae-vos ao meu braço;

«tomae-me esta bolça; agora

«vamos mendigar, Senhora!

«erguendo suplices mãos:

«Pelo Amor de Deus, Senhores!

«esmolla! ricos e nobres!

«esmolla aos meus filhos pobres!

«esmolla aos vossos irmãos!»—

Diz, e a turba dos convivas

foi pressurosa á porfia

dar quanto ali possuia

e prometter mais e mais!

As damas, dos seus enfeites

arrancam oiro e brilhantes

braceletes e diamantes

ancis, per'las e coraes.

O velho chorando e rindo

exclamou:

—«Estes penhores

«heis-de havel'os meus Senhores

«com largos juro nos ceus!

«Vós, minhas candidas filhas,

«ficaes assim mais formosas;

«para rosas, bastam rosas!  
 «valeis mais ao mundo e a Deus.  
 «Vou fazer outros ditosos!  
 «a minha missão foi esta;  
 «reviva, recresça a festa!  
 «folgae meus filhos folgae!»—

Eu digo como o bom velho;  
 Folgae! que a festa consola  
 a quem hoje deu a esmolla  
 a tantos filhos sem pae.

THOMAZ RIBEIRO.

Lisboa 14 de Novembro de 1862.

## A ERMIDA DE CASTROMINO

### XIX



o conhecido proverbio francez —  
*O homem propõe e Deus dis-*  
*põe*, podemos acrescentar uma  
variante que a experiencia nos  
está ensinando todos os dias :  
*O homem propõe e os importunos*  
*dispoem*. E vem a ponto para este  
capitulo do romance em que a  
familia Oliveira devia reunir-se  
em torno do leito de Salvador  
Lopes, se a senhora D. Chris-

tina, avisada do que se passava pelo menino Alvaro, não acudisse a casa do velho negociante na hora em que elle, a irmã e a filha convocados por Henrique de Mello atravessavam a sala proxima á escada e iam dar entrada no quarto do enfermo.

— Nós não queremos incommodar, gritou Alvaro adiantando-se a cumprimentar a tia de D. Anna e a apertar a mão do velho, mas a mana Christina apenas soube...

— É verdade, interrompeu a preconizada mana dirigindo-se a Manoel de Oliveira. Bem sabem quão amiga sou d'esta casa. Meu irmão disse-me que o sr. Salvador viera da Figueira em estado peri-

goso de saude, e eu não tive tempo senão de pôr o chapeo e o mantelete para vir accompanhal-os n'esta afflicção.

— É grande, minha senhora, muito grande para toda esta familia, replicou Manoel de Oliveira; Salvador Lopes é como se fosse meu irmão.

— E com rasão, interrompeu Alvaro, em commercio os socios são como irmãos. Eu digo isto porque o sr. Lopes me contou que era socio do sr. Oliveira, coisa que muito me alegrou porque, segundo por ahi rosnam, elle é riquissimo.

— Valha-o Deus, mano, ajuntou Christina reprimindo a maldosa natureza do irmão que lhe não convinha n'aquella occasião. Valha-o Deus! Quem pensa agora em sociedades de commercio. Vamos ao que importa. Como está o doente?

— Segundo os medicos está muito perigoso, respondeu Manoel de Oliveira aproveitando gostosamente o ensejo de evitar conversações commerciaes, que no fim de tudo podiam acabar no negocio da Misericordia. Henrique é o unico que ainda não desespera de o ver restabelecido.

— Pois então não desanimem. O sr. Henrique de Mello é um homem de muito talento e de grande dedicação a esta casa e aos amigos d'ella. Não ha dois homens como elle em Coimbra.

— De certo, sr.<sup>a</sup> D. Christina, acudiu o velho, voltando com a irmã e com as duas importunas visitas para a sala immediata donde viera. Henrique de Mello é tão meu filho como a Annica. Estou convencido que lhes quero a ambos com affecto igual.

— Tambem assim deve ser, disse Alvaro para não faltar aos bons costumes de pesquisar tudo. Todos dizem que elles casam um com o outro, de fórma que ambos virão a ser seus filhos.

— Nós ainda não demos parte a ninguém, volveu a tia que não perdoára ainda ao fedelho as duvidas ácerca da riqueza do irmão e da venda da quinta.

— Não demos parte, é verdade, corrigiu Manoel de Oliveira, mas Henrique deve saber que eu nunca lhe negaria coisa que me pedisse e menos do que qualquer outra, a mão de minha filha.

— Qual seria o pae que repudiasse o sr. Henrique de Mello, querendo elle ser seu genro? accrescentou Christina.

— Pois é o que eu digo! Bom rapaz, instruido, rico e fidalgo. Elle e a sr.<sup>a</sup> D. Anna são a sorte grande de Coimbra. Eguaes em tudo.

— Sim, retrucou o velho, percebendo a malicia dos elogios de Alvaro, minha filha é boa rapariga, bem educada, talvez rica; fidalga não é. N'esse ponto o casamento será desigual.

— Ora adeus, sr. Manoel de Oliveira, quem falla hoje n'essas coi-

sas. Agora o dinheiro é tudo, tornou Alvaro esganiçando a voz. Pois não acha? Que falta lhe faz aos senhores não terem tios em Malta, e um avô desembargador do Paço? Nenhuma. E a mim também me não adianta nada.

Deixemos continuar este martyrio, com que a má indole de Alvaro estava affligindo o velho, apesar dos olhares severos de D. Christina, e vamos para junto de Salvador Lopes, em cujo quarto D. Anna entrára com Henrique antes que as duas secantissimas visitas assomassem á porta da sala.

Henrique deu volta pelos pés da cama e foi collocar-se entre a parede e o leito. D. Anna tomou a posição fronteira, ficando, entre ambos, o doente encostado aos travesseiros que o sustinham, meio assentado por causa da difficuldade no respirar.

— E o sr. Manoel de Oliveira não vem? Perguntou tristemente o enfermo.

— Está com visitas na sala, mas ha de vir logo...

— Quem sabe se logo será tarde? interrompeu Salvador Lopes. Os meus dias estão contados.

— Talvez, disse com gravidade Henrique, mas a conta só Deus a sabe.

— Tem razão, murmurou o doente. Elle é que sabe, mas aos que não conhecem o dia e hora, cumpre estar preparados. Para isso os chamei aqui. Sinto-me abatido. Posso morrer de um minuto para outro, e não queria finir-me sem os salvar.

— A nós? disse D. Anna.

— Sim, menina. É preciso dizer tudo. Falla Deus pela boca dos que vão morrer. Ouçam-me ambos. O meu amigo Manoel de Oliveira deve-me grandes sommas.

É verdade, accrescentou Henrique.

— Pois essas grandes sommas não valem nada, se eu viver; mas se eu morrer, pertencerão a meu pae, e esse não é amigo do meu antigo patrão. Eu fui causa innocente d'essa inimidade. Sou quem a deve reprimir. Será o meu ultimo acto de gratidão para com a memoria da minha boa mãe.

N'este ponto faltou-lhe a respiração e entrou o enfermo em grande anciedade. Henrique applicou-lhe algumas gotas de um liquido que os medicos tinham receitado em junta, e pediu-lhe que socegasse. D. Anna estava pallida, como a estatua da morte, e angustiada com o padecimento de Salvador, e com as suas revelações.

Foi breve o accesso de suffocação. O doente descançou durante alguns minutos, sentiu-se melhor e continuou:

— Fallar não me faz mal. É o remedio da alma. O do corpo já me não importa. Isto acabou. Vamos ao caso. Eu posso deixar

a minha terça ao sr. Manoel de Oliveira, mas não é bastante, porque os meus haveres não estão todos liquidados. Ha só um meio, se a menina e o sr. Henrique me querem ajudar.

— Queremos de certo, responderam ambos.

— Pois então escutem-me. Eu caso com a sr.<sup>a</sup> D. Anna sem escripturas. Metade da minha fortuna é sua, e da outra metade deixo eu a terça a seu pae no testamento que vou fazer logo. Bem sei que estavam destinados um para o outro, vejo que se amam, e que se devem amar, mas eu nem já sombra sou. Deus sabe se haverá tempo sufficiente para arranjar as licenças e celebrar-se hoje mesmo o matrimonio. Não se affliga, sr.<sup>a</sup> D. Anna, em casar com um defunto. Ao sr. Henrique não digo nada. Sabe melhor do que eu onde este corpo estará em breve.

D. Anna poz a mão esquerda na cabeceira do leito para não cair. Henrique de Mello dominou o doloroso espanto que lhe causára a proposição de Salvador, e olhou com firmeza para D. Anna como que para lhe communicar magneticamente a força necessaria para não faltar a nenhum dos deveres d'esta afflictiva situação.

— Não nos illudamos, continuou Salvador. Eu estou morto.

— A sciencia ainda o não disse, replicou Henrique commovido.

— Pois não diria. E possivel que até dissesse o contrario, e que não mentisse. Posso amanhã estar levantado, sair, e fingir que vivo; mas a sciencia que me resuscitar a sombra, não me restitue os órgãos deteriorados. Ha muitos annos que sou cadaver galvanizado pela sciencia e pela hygiene. Não se afflijam com este casamento. O meu fim é santo a todos os respeitos. Se á sr.<sup>a</sup> D. Anna não repugna ajuntar Lopes ao seu nome, é esse o pequeno sacrificio que lhe custa a tranquillidade da velhice de seu pae.

— Sr. Salvador, respondeu D. Anna enxugando as lagrimas que silenciosamente lhe brotavam dos olhos. Se os seus bens pertencem por lei a seu pae, como quer que eu me preste a privar-o d'esse beneficio? Associar ao meu nome o de um homem honrado não é sacrificio; salvar meu pae é dever; mas respeitar os direitos alheios tambem é obrigação.

— Illude-se, minha senhora. Os meus bens, dizia-me um advogado do Rio de Janeiro, podem ser considerados de um modo que elle chamava *peculio quasi-castrense*: n'esse caso é-me licito deixal-os em testamento a quem eu quizer, porém d'ahi nasceriam demandas que atormentariam os ultimos dias do sr. Oliveira. Tenho bastante que deixar a meu pae, e todos sabem que a minha riqueza não proveio d'elle, mas da generosa protecção do sr. Manoel de Oliveira. Sr.<sup>a</sup> D. Anna, sr. Henrique de Mello, consintam n'esta minha idéa para que eu morra socegado.

— Esta resolução não depende só de mim, respondeu D. Anna sufocada em pranto, e olhando para Henrique com a maior ternura. Meu pae...

— Seu pae...! Seu pae não quereria comprar o descanso da velhice á custa da felicidade da filha. Sr. Henrique de Mello, falle por quem é. Eu comprehendo a sua dor como me parece que entende bem a puresa das minhas intenções. Este negocio está nas suas mãos.

Henrique tomou a mão que Salvador lhe estendera, olhou serenamente para D. Anna cuja angustia era extrema, e respondeu com voz quasi serena.

— Essa idéa foi inspiração de alma nobilissima. A sr.<sup>a</sup> D. Anna ha de acceitar a sua proposta. É realmente o unico modo de salvar esta casa, dentro da qual não ha ninguem que não sacrifique a vida sendo necessario para prolongar por uma hora a do sr. Oliveira. Não é assim, sr.<sup>a</sup> D. Anna?

— Deus, meu pae, e o sr. Henrique, foram desde muito quem me guiou na direcção dos meus pensamentos e das minhas acções. Não me hei de revoltar agora contra nenhum dos tres, e o sr. Salvador póde contar com a minha estima, com os meus desvelos e com o meu respeito, como sua esposa.

Salvador tinha dado a mão direita a D. Anna. Ao ouvir esta resignada decisão levou aos beiços as mãos dos dois infelizes amantes, e beijou-as quasi que com um unico beijo. Parecia unir ali, em consorcio espiritual e eterno aquelles que as leis ecclesiasticas e civís iam separar cruelmente.

N'este momento entrava no quarto Manoel de Oliveira e a irmã, que acabavam de despedir D. Christina e Alvaro. Henrique foi ao encontro do velho e disse-lhe que o sr. Salvador Lopes lhe pedia a mão de sua filha, e que só faltava o seu consentimento porque D. Anna já déra o seu.

Estas palavras foram ditas em voz baixa para o lado da janella para onde Henrique levára o velho, em quanto a tia de D. Anna se aproximava do leito e se informava do estado do enfermo, desculpando-se de não ter vindo mais cedo.

Não sabia que responder o pobre velho. Conhecia que D. Anna e Henrique se amavam muito. Puzera n'este amor a esperança da sua velhice e a segurança da felicidade da filha. E agora eram elles proprios quem lhe propunha outra combinação que nunca lhe viera á idéa, e de que mal podia adivinhar a conveniencia.

Henrique percebeu a indecisão do velho e a anciedade com que o enfermo seguia do leito com olhos curiosos a conversação dos dois. Resolvido a sacrificar o coração ao dever, e fortificado n'esta reso-

lução heroica pela innata elevação de seu nobre character, atalhou as observações do velho com as seguintes palavras:

— Este casamento é indispensavel para o pagamento integral dos credores da casa, e para que o seu nome passe honrado para a sr.<sup>a</sup> D. Anna. O sr. Oliveira nem pôde sacrificar os seus credores nem o futuro de sua filha. Além d'isto o honrado homem, que jaz acolá n'aquelle leito, morreria de dôr, se visse que a casa de seu bemfeitor ficava em perigo. Sempre teve confiança em mim o sr. Oliveira. Agora tambem a ha de ter.

— Eu estou por tudo o que minha filha e o sr. Henrique deliberarem. Ambos são meus filhos. Mas eu sempre cuidei...

Henrique abraçou o velho, não o deixou continuar, e aproximando-se do leito junto do qual D. Anna se conservava ainda immovel, e como que insensivel ao que se estava passando, disse para o enfermo, que o sr. Manoel de Oliveira consentia de boa vontade em dar a mão de sua filha ao sr. Salvador Lopes, e que elle já ordenar tudo para que, se fosse possivel, se realisasse a cerimonia n'esse mesmo dia.

O doente estendeu os braços para Manoel de Oliveira que viera collocar-se ao lado de D. Anna, e caíu extenuado sobre os travesseiros. A tia recuou dois passos ao ouvir a espantosa novidade, olhou para todos para adivinhar a causa d'este successo extraordinario, e pela primeira vez da sua vida callou-se, em vez de fazer perguntas. Tambem lhe chegou então a hora de sacrificar alguma coisa á solemnidade da conjunctura.

N'esse mesmo dia por consentimento do bispo conde que dispensára os proclamas receberam-se por palavras do presente Salvador Lopes, e D. Anna de Oliveira no proprio quarto do enfermo. Foram testemunhas Henrique de Mello, e o guarda livros da casa.

Meia hora antes Henrique e D. Anna encontraram-se na saleta onde depois do jantar costumava tomar café a familia Oliveira. Henrique junto da jardineira mechia machinalmente nos jornaes. Ao sentir passos voltou-se e caminhou para D. Anna que lhe caiu nos braços. O anjo do amor celeste cobriu com as suas azas esta silenciosa despedida em que pela ultima vez se confundiram as lagrimas dos dois amantes no mesmo sitio em que mezes antes haviam trocado em penhor de eterno affecto o primeiro beijo innocente.

(*Continúa*)

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

## PASSOS MANOEL

### VII



ão raciocinam, nem discutem as paixões políticas. Impetuosas e absolutas voam de extremo para extremo, condemnam hoje, absolvem amanhã, louvam e exaltam na vespóra para no seguinte dia talvez fulminarem, ou escarnecerem. Engrossada por novos bandos de descontentes trasbordou a torrente emfim do leito em 1836. A revolução de setembro, que da noite para o amanhecer destruiu a obra de tantos annos de lucta e de sacrificios, a carta constitucional outorgada por D. Pedro, não rebentou do seio de uma conspiração paciente e calculada. Foi espontanea e repentina; não teve auctores; fez-se a si mesma.

Não nos cabe moralisar aqui o facto, nem alongar a vista pelas suas consequencias proximas e remotas. Narrámos os successos rapidamente, e mostrámos no meio d'elles o grande vul-

to do orador e do publicista, que nos propozemos esboçar. O resto pertence á historia, e aindo é cedo para a escrever como ella deve ser escripta.

Quem cuidasse que a explosão, que, não contente com a queda de um ministerio sepultou com elle tambem as instituições, se concertára lentamente entre os que depois a abraçaram, enganar-se-hia redondamente. Para atear o incendio em elementos inflammaveis é sufficiente a mais leve faisca. Não foram de certo o edital contra os foguetes, ou o pomposo prestito do desembarque dos deputados do Porto os provocadores do movimento começado pela guarda nacional. As dissidencias entre as duas fracções do partido liberal eram tão profundas desde a emigração, e tinham-se envenenado a tal ponto nos ultimos tempos, que o imprudente golpe da dissolução da camara, e a excitação eleitoral, que se lhe seguiu, sobraram para fazer desfechar de subito, como de feito aconteceu, a tempestade que enegrecia os horisontes.

Manoel Passos, chegado na tarde antecedente, achou-se na manhã do dia 10 de setembro collocado no posto mais arriscado, tendo por collegas na dictadura deferida pelas circumstancias, o visconde de Sá da Bandeira e Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro. A terra tremia debaixo dos pés dos novos ministros; as ruinas do codigo saudado pela victoria nas trincheiras do Porto e nos rochedos da Terceira cortavam-lhes o passo a cada instante; e o fragil amparo offerecido pela constituição de 1820, proclamada em uma noite de tumulto, e repugnada quasi desde a sua origem por numerosas antipathias, mais parecia um obstaculo, do que um auxiliar, porque dava aos adversarios uma bandeira, cuja significação era historica e gloriosa, bandeira que nunca poderiam arvorar se o pleito se reduzisse á derrota de uma parcialidade, ou á substituição violenta de um gabinete.

A resistencia não só recrutou os adherentes do gremio, que desde então se ficou denominando cartista, como incorporou em suas fileiras muitos dos homens, que haviam acompanhado até ahi a opposição, não imaginando que ella ousasse chegar tão longe. Parte do exercito, queixoso do predominio assumido pela milicia nacional, e offendido por suppor murchados com a abolição da carta os loiros de tantas pelepas, cada dia se ia separando mais do governo e da sua causa. Finalmente o maior numero dos empregados publicos, sobre tudo nas jerarchias elevadas, movido pelos impulsos da gratidão, pelo resentimento de uma mudança a seus olhos injustificavel, e incredulo ácerca da solidez e duração do novo estado de coisas, não disfarçava

a sua hostilidade, uns exonerando-se voluntariamente, outros associando-se aos planos contra-revolucionarios, machinados pelos agentes mais activos do bando decahido.

Era uma posição para desfalecer o caracter mais energico, e desanimar as esperanças mais robustas. Em torno do poder já meio precipitado das eminencias desamparadas à que o haviam elevado, a solidão todos os dias se alargava. O ruido do machado nos esteios fraquissimos, que sustinham os andaimes levantados na vespora para a edificação constitucional, aprasada para a camara constituinte, denunciava o ardor com que os inimigos se empenhavam em as demolir depressa. Os cofres do thesouro exhaustos; as industrias nascentes paralisadas no berço; o credito não só aballado, mas quasi perdido; a usura campeando solta e impune, e agravando o desespero de classes inteiras de funcionarios; a confiança no presente coberta de um véo; as probabilidades do futuro duvidosas; o throno vacillando entre os escrupulos do juramento prestado, e as saudades do codigo, que para elle symbolisava os titulos e brasões da grande lueta da liberdade; as sociedades secretas intentando assoberbar o governo; os cidadãos-soldados callando bayoneta ao mais pequeno rebate, e querendo dictar listas de suspeitos e leis de salvação; finalmente uma agitação febril e desordenada inquietando a todos e a tudo desde a base até ao vertice, eis o doloroso spectaculo, que offereciam os negocios n'esta época, sujeita ás irritações e reviramentos, que em toda a parte costumam sempre assignalar o noviciado tormentoso do regimen representativo.

Manoel Passos afrontou-se intrepido com as difficuldades, que o rodeavam, e que de hora para hora, roubando-lhe o socego essencial ás meditações do estadista, lhe vinham absorver todos os momentos e cuidados. Secretario de estado do reino e da fazenda, via-se obrigado a attender ao mesmo tempo, e com igual assiduidade, aos conflictos suscitados para entorpecer a direcção politica, e aos apuros do Erario, sangrado pelos encargos recentes da guerra civil, desfalcado de receitas valiosas, e privado pelo terremoto, que tudo sacudia e desmoronava em volta, dos auxilios efficazes do credito, recurso indispensavel sobre tudo para nações, que mal principiam a respirar da oppressão de quasi meio seculo de adversidades e discordias.

Que anciosas vigalias as d'essas noites de silenciosa reflexão, em que, prostrado o corpo, e vigilante o espirito, parece que todas as cogitações tomam a côr de uma só idéa para alancearem o coração de receios, de maus presentimentos, e de in-

cessantes apprehensões ! Que terror, mesmo para almas de rija tempera, como a d'elle, não seria para sentir os hombros vergados ao jugo de tão multiplicadas responsabilidades, accusado e vilipendiado pelo odio de muitos, coadjuvado só de poucos, e sabendo que as multidões, suspensas na incerteza dos successos, sempre estão dispostas a coroar a temeridade feliz, ou a deixarem arrastar ás gemonias, sem lhe estender a mão, o patriotismo flagelado pela inconstancia da fortuna ! Caminhando por entre abysmos, na meia escuridão de uma crise, que devêra o exito mais ao acaso, do que ás proprias forças, o ministro, mancebo, dotado de agudo engenho, e instruido pelas licções da historia patria e da estranha, mais de uma vez havia de temer para si e para os que amava a triste sorte de alguns pilotos, que se atreveram como elle em mares desconhecidos a desafiar o naufragio, quando as ondas e os tufões despregavam todas as suas iras.

Quaesquer que fossem todavia as suas preoccupações soube dissimulal-as. O seu rosto sereno, affectando a jovialidade do homem seguro da victoria, nunca revelou a amigos, ou a antagonistas, o verdadeiro perigo da situação, exposta a cair e a desaparecer com a mesma rapidez, com que surgira á voz dos batalhões sublevados.

A tentativa de Belem, que não prevaleceu pelo pessimo conselho de algumas das pessoas, incumbidas de a guiar, veiu decidir em favor da revolução as hesitações dos primeiros mezes. Arrostando sem desmaiar as ameaças e o risco eminente, de que outros se desviariam não sem fundados pretextos, Manoel Passos, acudindo ao paço por entre as linhas da tropa insurgida, esclarecendo a consciencia da corôa com a persuasão da evidencia, aplacando de um lado a furia das turbas e da milicia nacional em armas, e respondendo pelo outro com a sua presença, com a firmeza das palavras, com a mais completa abnegação da vida e dos interesses pessoaes ás arguições dos emulos, e ás declamações dos que, senhores por um instante do poder, não occultavam o desejo de enfrear com mão pesada as veleidades populares, mostrou-se amigo sincero do throno, digno em tudo do cargo que prehencia, e de estatura apropriada para representar o papel, que certos mormuradores diziam em segredo, que nunca seria capaz de levar ao cabo sem que a grandeza do desastre punisse a audacia do seu orgulho.

A generosidade innata, que lhe inspirára no memoravel discurso pronunciado contra o projecto das indemnisações as bellas phrases e os nobres sentimentos, que tanto honram a sua

memoria, nunca se offuscou com os sediciosos clamores dos que o escolhiam para alvo de todos os tiros, nem consentiu que lhe dobrassem o pulso as exigencias e exhortações freneticas dos que, propensos sempre a appellar para medidas de rigor de ordinario confundem a violencia e as vindictas, que só legam aos partidos erros e tardios arrependimentos, com a acção e a iniciativa, fecunda que os regeneram e fortificam. Manoel Passos replicava com um sorriso aos mestres da intolerancia, e abrindo os braços e o coração a quantos o buscavam, presava-se de conciliar as obrigações do seu cargo com os deveres da amizade. Dictador omnipotente unia a lhaneza das maneiras á simplicidade frugal do tratamento. A sua porta nunca se fechava. Á sua meza assentavam-se amigos e adversarios politicos promiscuamente. Logo depois dos acontecimentos de Belem mandára offerecer hospitalidade e segurança a alguns dos cabeças do movimento abortado, e empregava quasi as supplicas para dissuadir os outros do intento de se recolherem magoados á existencia particular, exonerando-se dos empregos.

Exemplos semelhantes em occasiões tão pouco accommodadas a interpretal-os, fallam com mais eloquencia das virtudes desaffectedadas, do que pomposos panegiricos tecidos pela adulação. As vaidades do poder e da influencia dissipam-se como fumo; os dias de juventude e de vigor escoam-se quasi desappercebidos e tão veloses, que só as neves da velhice nos advertem que já passaram. É então, e só então, que o passado, renascendo com as recordações, vem consolar a idade grave dos desenganos, que a entristecem, se foi puro e glorioso, como o que descrevemos, ou antecipando-se á justiça de Deus e dos homens, vem castigal-a, fazendo dos remorsos os seus constantes companheiros até ao tumulo, e de cada uma das paginas da vida uma ironia, que não perdôa, e que abraza até ao seio os mais intimos affectos!

### VIII

O tempo gastou o que havia de transitorio e de apaixonado no monumento, que a revolução de setembro construiu em parte com materiaes menos solidos mas quasi sempre fiel ao risco traçado pelo ministro, que resumiu na sua gerencia os instinctos e as idéas, de que mais se enobrecem as sociedades modernas. A dictadura exercida por Manoel Passos e seus collegas não se limitou unicamente aos actos politicos requeridos pela necessidade da propria conservação. Descobriu pelo contrario horison-

tes muito mais amplos, rasgou novas sendas, de que depois se fizeram estradas largas, e anteviu e preparou os progressos, que mais tarde, quando a tregoa dos partidos o permittiu, serviram de alicerce para assentar as primeiras fiadas para a edificação, porque suspiravam debalde os povos, cansados de verter sem proveito o sangue em recontros inglorios, ou de malbaratar tantos annos em disputas estereis e interminaveis.

Continuando o pensamento interrompido de Mousinho da Silveira, e applicando as forças vivas da revolução triumphante aos grandes melhoramentos, que na realidade encerram o segredo da emancipação intellectual das nações, Manoel Passos adiantou-se por um caminho, em que mesmo os que o seguiam mais de perto, e com mais fé, não o viram entranhar sem receio.

Não bastaria, observavam alguns, o antagonismo dos principios, e a profunda separação das duas fracções do gremio liberal? Seria necessario sahir ainda ao encontro dos abusos e dos preconceitos, declarar-lhes guerra sem quartel, e ferir a par d'elles numerosos interesses, que não se deixariam desherdar sem combate?

Este sophisma, refugio usual dos que patrocinaem causas injustas, e mettem sentinella ao lausprenne de todos os privilegios odiosos, não tinba podido atalhar os golpes de José Xavier, nem conseguiu tambem que Manoel da Silva Passos se detivesse petrificado á sua intimação, como talvez suppunham os que o reproduziam. O ministro pela ousadia do seu espirito era d'essa familia de estadistas, que a lucta não esmorece, que os obstaculos não demoram, e que, dominados por convencimentos firmes, nunca sacrificam o pensamento a conveniencias casuaes, momentaneas, e morredouras.

Sabia que a liberdade pede instituições, que a arreiguem e desenvolvam; que o progresso é o seu alliado inseparavel e o seu melhor athleta; e que se não dêsse por divisa á situação acabada de inaugurar o character de reformadora, dentro de alguns annos sobreviveria apenas d'ella uma data, uma confusa reminiscencia, e uma censura irrespondivel, porque devendo recommendar-se pela utilidade dos commettimentos preferira immolar o presente e o porvir ao culto exclusivo dos idolos domesticos bem depressa derrubados do altar, e substituidos por outros iguaes, ou mais acanhados ainda nas proporções.

Não ignorava, que por cada decreto, que publicasse n'este sentido, por cada raiz venenosa que extirpasse, por cada planta carregada de promessas, com que beneficiasse a terra arroteada de fresco, descontava outros tantos dias, ou mezes de ge-

rencia por causa das repugnancias, que seguramente ia provocar.

Que lhe importava, porém? A pasta a seu ver, não era uma decoração vaidosa, ou um travesseiro de enercia e somnolencia. Subira ao governo para se dedicar ao serviço do paiz, para cooperar na consolidação do systema representativo, e para illustrar o seu nome. Alcançado o fim, desobstruido o terreno, e cravadas as balisas mais importantes, estava prompto, tinha até impaciencia de volver á condicção de simples cidadão, ás honrosas lides da imprensa e da tribuna, ás tranquillias meditações dos seus livros, e do estudo!

Os resultados corresponderam á pureza dos estimulos. A dictadura do primeiro ministerio da revolução de setembro verificou na esphera dos interesses moraes e administrativos o que a de D. Pedro, aconselhada por Mousinho da Silveira, por José da Silva Carvalho, e pelo sr. Joaquim Antonio de Aguiar, já consumára na das grandes reformas politicas e economicas. A reorganisação da instrucção publica em todos os graus, a creação da Escola Polytechnica de Lisboa, da Academia Polytechnica do Porto, da Academia de Bellas Artes e do Conservatorio da Arte Dramatica provaram a par de outras leis emanadas da mesma origem, que o poder buscava o apoio da intelligencia, accreditava que o renascimento e o esplendor das letras seriam um dos florões mais preciosos da corôa na dynastia constitucional, e que a educação e o ensino da geração, que havia de succeder á que os trabalhos do exilio e da fundação da liberdade tinham de consumir em breve, e das outras que viessem depois, eram a semente donde podiam brotar esperanças, ou revezes, fructos de benção, ou esterilidade e ruina. A formação do código administrativo, a do código de processo, e tantas outras providencias auxiliares da sincera e leal applicação das theorias liberaes não realçaram menos por outro aspecto os esforços e a actividade de Manoel da Silva Passos de seu irmão e dos outros seus collegas.

Accusaram-os de terem inventado o Panteon, e não sei se os Campos Elisios! Riram-se da ingenuidade com que principiam a cortar por si na demasia das despesas! Amaldiçoaram como intempestivos, onerosos, e superfluos os institutos scientificos e artisticos! Era natural. Tudo o que exceder a medida de certa mediocridade commoda, tudo o que significar impulso, zelo, e aperfeiçoamento, em fim, tudo que o olhar mais para o futuro, do que para o passado, deve contar com iguaes antipathias.

Não é de hoje, nem de hontem, é de todas as épocas e de todos os dias. O marquez de Pombal apezar do mando absoluto, que sabia tornar, tão severo, não se eximiu de pagar o tributo costumado. Em vez de discursos inflammados nas cortes, que elle detestava, e de artigos perfidos, ou aleivosos nos jornaes, que eram mudos no seu tempo, menos a *Gazeta*, tinha as murmurações dos devotos e beatas, os enredos e diffamações dos jesuitas e barbadinhos, e até o coice do asno contra o leão prostrado lhe não faltou por occasião da queda nos pasquins e cantigas satyricas, com que celebraram como a maior ventura publica o termo do seu valimento e o fim do seu governo.

Vingaram-o os successores, como succede quasi sempre. O mesmo aconteceu com a dictadura de setembro. Hoje decorridos vinte e seis annos, e acalmadas as paixões, que então ardião, os effeitos proclamam a excellencia de muitas d'essas leis combatidas por inuteis. O homem, que tantos contrarios condemnavam, estes de rigido e de quasi avaro na gerencia dos rendimentos do Estado, aquelles de prodigo dissipador da fortuna publica, desceu ao tumulo bemquisto, chorado, e louvado de todos, como sempre o são as almas puras e elevadas. Do que elle fez pereceu o que era só da época e da occasião, e ficou, fundido em bronze, tudo o que pertencia á posteridade, á civilisação, á gloria do paiz pela idéa, pela aspiração, pelo impulso. Não incutirá este exemplo valor em outros para se desatarem dos laços da temidez, e dizerem como Manoel da Silva Passos que as pastas são um joguete, ou um escarneo, quando só andam pejudadas de papeis avulsos, de memoriaes, ou de diplomas de mero expediente?

Um incidente quasi sem vulto, a votação do congresso constituinte contra a existencia dos sub-secretarios de Estado, votação não sabemos se fundada em razões de economia, se derivada de outros motivos, proporcionou a Manoel da Silva Passos e a seu irmão o ensejo, que ambos apeteçiam para se retirarem da administração. O gabinete cahiu porque os chefes quizeram declinar de si a responsabilidade, cedendo o logar a estadistas menos soffridos dos quaes não poucos se estrearam em um theatro, que melhor fóra para alguns nunca pisarem.

Desde esse dia a carreira ministerial do dictador, saudada por tantos applausos populares, encerrou-se para nunca mais tornar a abrir-se. O que não terminou porém com ella foi a veneração pelo seu character politico e pessoal, o vivo enthusiasmo, em que elle se arrebatava na tribuna, e até nas mais intimas pra-

licas e discussões, sempre que uma idéa digna do seu talento, lhe excitava as faculdades.

Ameno e cortez, mas vehemente, a sua phrase feria como as boas folhas de Toledo sem torcer o fio, nem embotar os gumes. N'elle a indignação sómente em casos raros desceu aos individuos. Caía em lavas abrazadas sobre os erros, ou sobre os actos iníquos, e reduzia-os a cinzas, sem que o adversario pudesse queixar-se de que mesmo um leve lapso o obrigasse a deslizar da urbanidade e decencia, que timbrava em ostentar, respeitando-se a si e ao decoro do senado, perante o qual orava.

Imaginoso, insinuante, cheio de benevolencia, era soccorrido por uma dicção clara, e fluente, que nos lances mais fogosos parecia despenhar-se, atropellando as citações, os argumentos, e as figuras, as lagrimas e o riso, a ironia branda e a apostrophe não irritada. Fallava com tal velocidade, e com tanto impeto, que os auditorios deslumbrados mal tinham tempo de acompanhar-lhe a voz, que passava rapidamente de um para outro tom, e muito menos os vôos da phantasia, cujas azas matisadas, ora se levantavam ás regiões da eloquencia, ora declinando como que escondiam a luz e as cores, enquanto o orador baixava em certos momentos ao estylo singelo e amigavel das conversações parlamentares.

Entre os seus discursos, quasi todos notaveis, citam-se entre os mais esmerados os que preferiu em 1834 sobre a questão da prisão do coronel Pizarro, e sobre o projecto das idemnisações que repudiou como um ultraje á generosidade e tolerancia do partido liberal; a bella deffesa dos actos da dictadura em resposta á opposição do congresso em 1837; e a par de muitas orações pronunciadas em diversas épocas nos seguintes annos a famosa oração recitada em 18 de outubro de 1844 depois da revolta de Torres Novas e de Almeida.

## IX

«Os homens publicos por mais distinctos e enobrecidos de virtudes e qualidades, nunca são senão instrumentos das idéas, que defendem.»

Esta maxima attestada por José Estevão nas concisas e magoadas phrases, que proferiu em elogio do ministro da revolução de setembro, tinha-a Manoel Passos tambem gravada no coração, e nunca a desmentiu nas occasiões mais arriscadas, offerecendo aos principios em holocausto a vida, a fazenda, e

a saúde quebrantada, todas as vezes, que entendeu ser útil á liberdade o exemplo de um nobre sacrificio.

Recollido depois da sua voluntaria queda á intimidade da vida domestica, sem deixar por isso de assistir ás luctas da palavra e da imprensa, continuou a desempenhar com igual zelo e completo desassombro, o grande papel, a que a elevação do engenho e a fortaleza do espirito o convidavam.

Acompanhando com lealdade o seu partido em todos os trances do agitado periodo, que teve de atravessar, agredido nos campos de batalha pelas mais gloriosas espadas do exercito, ou inquietado e ameaçado nos conselhos e deliberações pela exaltação das facções e os rebates da insurreição armada, amigos e contrarios acharam sempre n'elle o mesmo homem, e tanto admiraram a sua constancia inflexivel, como celebraram com merecidos louvores os rasgos de dedicação, e os raptos de eloquencia, com que, não em um só, porém em muitos conflictos, illustrou a tribuna, avivando novos brazões á sua fama.

O congresso constituinte dissolveu-se, legando á assembléa, que havia de substituil-o, tres monumentos capitaes da sua actividade infatigavel — a constituição, — a refórma da fazenda, — e as instituições mais necessarias para o rapido desenvolvimento e applicação das douctrinas adoptadas. Os seus mais obstinados antagonistas, advertidos pelos revezes, e desenganados pela experiencia do erro da abstenção politica, callaram as repugnancias, immolaram o orgulho, e associaram-se ao pensamento de reconciliação, que dictára as prescripções fundamentaes do novo codigo. A bandeira de 1838 cobriu todos os cidadãos, e a religião do juramentó consagrou o acto da alliança liberal, que vinha pôr termo aos pretextos mais, ou menos rasoaveis, de futuras conflagrações.

Entretanto a velha guarda dos dois partidos não ensarilhou as armas com inteira confiança, nem esqueceu no abraço commum os profundos resentimentos envenenados pela recordação de offensas ainda recentes. De parte a parte lavravam os receios, as suspeitas mutuas, e a persuasão de que para uns triumpharem completamente era essencial que os outros se confessassem vencidos. Amanhecia ainda turva esta aurora para n'ella se realisar deveras a tregoa, que em 1852 sancionou a prudencia dos homens, e a imperiosa exigencia das coisas, concedendo ao paiz o ar e o espaço precisos para convalescer das feridas de muitos golpes, e para respirar da oppressão de repetidos sobresaltos.

A parcialidade setembrista antevia nos segredos de seus emu-

los o plano de a supplantarem, desherdando-a lentamente do seu quinhão de influencia, e decepando uma apoz outra todas as raizes, que a revolução em dois annos não tivera tempò de profundar. A parcialidade cartista, invocando a ordem por symbolo, e o prestigio da auctoridade por dogma, citava a frequencia dos tumultos e o arruido da anarchia nas praças como documentos vivos da rigorosa necessidade de uma centralisação forte, de uma repressão severa, e da formação de leis conservadoras do socego e dos interesses da sociedade. Este foi o terreno das pelepas quasi quotodianas feridas desde 1838. De recontro em recontro, de exaggeração em exaggeração, chegaram de ambos os lados á mais violenta hostilidade, e a uma intolerancia tão insoffrida, que mais se trataram então os adversarios como inimigos implacaveis, do que como soldados da mesma causa sómente divididos por dissentimentos casuaes.

Não é para aqui individuar os promenores d'esta prolongada e funesta rivalidade em tantas occasiões fataes maculada de sangue. Não nos compete louval-a, nem desculpal-a. Para o fim que nos propozemos é bastante notar, que Manoel da Silva Passos, não deslizando da estrada, que a si proprio traçára, se recusou sempre com honrosa isempção a approvar, ou a estimular a politica exclusiva e os actos de revindicta, com que alguns tribunos dos mais fugosos no seu campo cuidavam fazer sobressair a devoção e o ardor de um patriotismo exaltado.

Sobejam as provas para o abonar. Nas maiores crises, e nas mais apuradas e melindrosas posições nunca humilhou a nobresa innata da sua alma aos caprichos momentaneos da popularidade, que estimava, que talvez reputasse um tributo devido ao seu character e opiniões, mas á qual era incapaz de ceder, cego pelo incenso de seus altares, arrastando-se para a requestar atraz dos delirios e illusões, que a miudo a offuscam, e não poucas vezes a desvairam.

Para se apreciar quanto sabia elevar-se aquelle vigoroso espirito acima da athmosphera caliginosa das paixões, contemplemolo na sessão de 18 de Outubro de 1844, em um momento unico. A sedição militar soffocada expirára dentro dos muros da praça de Almeida. Os chefes vencidos gemiam no exillio. O partido setembrista desfallecido pela derrota, e apenas limitado ao desafogo da imprensa, e ás vozes pouco numerosas, que o representavam no parlamento, nem devia, nem podia deixar correr á revelia com a defesa dos ausentes a justificação dos motivos que os tinham decidido a levantar as armas.

Escutemos o grande orador:

«É com profundo sentimento que me vejo obrigado a tomar a palavra na presente questão. Ha muito que vivia retirado dos negocios publicos. Este fastio, esta quasi indifferença politica vieram-me no dia, em que o meu proprio partido commetteu um grande erro, e direi sinceramente, um grande crime, no dia da *presiganga*. Os meus amigos imitaram então os procedimentos do governo de D. Miguel, mandando prender muitos cidadãos distinctos por seus grandes serviços á causa constitucional. Desde então considerei a revolução como perdida porque estava deshonorada. Os homens da liberdade tinham copiado os exemplos da tyrannia. Desde esse momento acompanhei a revolução na sua longa agonia. Assisti melancolico ao seu passamento e ás suas exequias.»

«Retirei-me da scena publica e fui buscar o descanso e as consolações da vida particular.»

«Hoje, porém, um acontecimento igualmente doloroso obriga-me a deixar o meu retiro e solidão. É com muito pesar que volto a tomar parte nas agitações politicas. Venho de novo levantar a voz no parlamento; mas é uma voz de paz e de tolerancia, que desejo fazer ouvir á camara e ao paiz, e não um brado de indignação e vingança. Não venho aqui accender e inflammar odios civís. Podesse eu apagal-os todos! Não venho dirigir recriminações áquelles que por ventura as tinham merecido. Não o fiz nunca, não o farei agora.»

Que bella e instructiva lição para os auditorios, que esta eloquencia, inspirada pelos mais puros sentimentos, commoveu e arrebatou, para a assembléa que a ouvia, e para todas as situações, que tenderem a nobilitar-se! Como este homem sabia ser sempre da sua época, das suas idéas, e da sua patria!

Durante a revolução do Minho ao lado do duque de Palmella e de Luiz Mousinho, tão dignos de entenderem as suas generosas aspirações; no governo da junta do Porto inseparavel de seu irmão nos perigos e cuidados, por maior que fosse a provocação, ou por mais consternado que tivesse o animo, ninguem o viu nunca senão aconselhar e persuadir o esquecimento das injurias, o desprezo das calumnias, a magnanimidade na victoria, a resignação em presença dos desastres. Arrancando-se dos braços da esposa e filhas, que para elle resumiam tudo na sua estremosa ternura, vóa á cidade, berço da emancipação politica, e como simples cidadão exige uma parte na responsabilidade e no risco da incerta contenda, que acabava de travar-se. Inaccessivel ao desalento, o seu valor cresce com as difficul-

dades, e a sua palavra imaginosa conforta e confirma até os mais tibios e indecisos. Depois de 1851 chamado outra vez ao parlamento, ao theatro de seus triumphos, qual de nós se não prezou de o ter tido por amigo, por guia em muitas excursões arriscadas, por moderador dos repentinos impetos juvenis? Qual de nós não repetiria as expressões, que o luto da sua perda suggeriu a Mendes Leal na sessão de 20 de Janeiro d'este anno?

«Não é preciso fazer aqui o elogio do homem, exclamou o orador, hoje ministro. Para que? Está feito no coração de nós todos, que o admiramos, ha de confirmal-o a historia, onde tem um logar indisputavel, e onde o esperam os louros, que não morrem. Teve antagonistas, não teve inimigos; competiu em idéas, não provocou odios. Terminada a controversia, ou a lucta, ficava mais vivo o affecto, que elle soube em todos os lances carrear e manter... Foi um grande talento; foi um coração ainda maior. Cabiam ali á vontade os mais generosos sentimentos, como na sua mente os mais vastos designios.»

«Deve-lhe muito esta terra, devemos-lhe muito nós todos. A sua morte é para esta casa uma verdadeira dôr, é para esta nação uma verdadeira perda.»

O que pôde acrescentar-se que diga mais, ou tanto? Os testemunhos publicos e unanimes de saudade, as lagrimas que orvalharam as suas cinzas, as recordações que exaltam a sua memoria, eram os unicos premios que elle podia querer, e que o paiz lhe concedeu por geral e espontaneo impulso. As votações das duas camaras, a tristeza não simulada, mas pungente até dos que o não conheciam, e o sentimento immenso da sua falta, depois da falta de um Rei tão amado, tudo isto disse mais aos seus ácerca d'elle, do que exprimiriam pomposos monumentos, e incansaveis panegiricos. O nome de Passos Manuel é tão puro e glorioso, que pronuncial-o é sufficiente para nos inclinar-mos respeitosos lembrados das prendas, que ornaram o seu engenho, e das virtudes, que esmaltaram o seu character.

L. A. REBELLO DA SILVA.

## CHRONICA LITTERARIA



ou encetar a chronica archivando um documento precioso. É uma carta do sr. Alexandre Herculano, publicada no *Jornal do Commercio*, explicando os motivos que o levaram a regeitar a grã-cruz de São Thiago. N'essas paginas como em todas que saem de tão exemplar penna, vê-se brilhantemente confirmado o aphorismo do celebre escriptor francez : *le style c'est l'homme*.

O grande historiador, retrata-se, escrevendo. É o caracter que lhe molda aquellas phrases rijas e severas ; é a consciencia que lhe dicta aquella linguagem desassombrada e radiosa ; é o coração que lhe funde as grandes imagens e lhe accende os nobres enthusiasmos. Por isso tamanho é o respeito pelo homem como profunda a veneração pelo escriptor. Por isso o sr. Alexandre Herculano, é, e será sempre para os discipulos, um culto e uma gloria.

Mais uma vez se retratou agora, o querido mestre. As linhas que vão ler attestam o que eu digo. Revelam natural independencia, arreigadas crenças e suprema austeridade de principios. No vigor da fórma litteraria está a tempera da alma. Ao talento que lhe inflora as palavras allia a honra que as ligitima, e d'aqui procede a impressão que essas palavras geralmente causam, e a auctoridade que representam.

Attentai, porém, que esse homem, nosso mestre, e nosso exemplo, que nunca se dobrou nem obedeceu senão ás suas convicções, que nunca acceitou titulos nobiliarios nem distincções honorificas,

que nunca teceu lisonjas nem espalhou incensos, attentai que esse homem curva-se respeitoso diante d'um tumulo, fechado ha pouco, e ainda humido das lagrimas do povo. Faltava ao sr. rei D. Pedro v este derradeiro e publico tributo, tributo tão valioso como significativo. Lavrou-lhe agora mais este bello epitaphio quem o conhecia bem, e quem julgando-o extraviado no seculo ix, tambem, a meu ver, o está. O discipulo presente no mestre, o que o o mestre presentia no rei.

Eis a carta :

«A reforma da ordem de Sanctiago tem trazido discussões á imprensa em que o meu nome, dizem, tem figurado. Não houve n'isso motivo até aqui para eu romper o longo silencio que tenho guardado, que espero continuar a guardar ácerca das questões politicas e das questões litterarias. Agora, porém, acabam de mostrar-me um numero recente de um jornal de Lisboa onde se argumenta com o acceitar eu outr'ora a commenda da torre e espada, e rejeitar agora a grã-cruz de Sanctiago, para se provar, creio eu, com a minha authoridade que o diploma relativo áquella reforma é illegal. Tenho pouco peso para servir de projectil na luta das facções, a que sou estranho, e entendo que, pertencendo a todos avaliar os meus actos publicos, só a mim, e a mais ninguem, pertence expor os motivos determinantes d'elles. São impertinentes estas questões de fitas; mas é obvio que, desde que ao meu proceder se attribuem intenções politicas, eu, que não tenho essas que me attribuem, nem tenho nenhuma, sou obrigado a explicar-me.

O argumento que se deduziu dos meus actos é mau de dois modos: 1.º por inutil, visto que a pouca regularidade d'aquelle diploma resulta do seu proprio contexto: 2.º porque, além de dar á minha opinião uma authoridade que ella não tem, pecca pela base, suppondo que acceitei a commenda da torre e espada.

Accudo n'este ponto por mim, porque é uma inexacção que contraria os meus intuitos, e que me parece tempo de rectificar.

Pertenço pelo berço a uma classe obscura e modesta: quero morrer onde nasci. Ha n'isto uma grande ambição solapada. No immenso consummo que se está fazendo, que se tem feito ha trinta annos, de distincções, de fitas, de insignias, de fardas bordadas, de titulos, de graduações, de tratamentos, de rotulos nobiliarios, o homem do povo que queira e possa morrer com esta classificação deve adquirir em menos de meio seculo extrema celebridade. No Baixo-Imperio, quando a sociedade romana cahia ao contracto dos barbaros, esphacelada pela podridão interna, chegaram a nobilitar á força os cidadãos mais obscuros, arrolando-os nos collegios dos curiaes. Esta boa terra promette que ha de chegar lá.

Não sou commendador da torre e espada.

El-Rei o Senhor D. Pedro V, que Deus tem consigo, procurou-me um dia para me pedir, dizia elle, um favor. Era o de acceitar a commenda da torre e espada. Recusei, e com a sinceridade que elle sempre encontrou em mim, expuz-lhe amplamente os mo-

tivos da minha recusa. Aquelle grande espirito, complexo de extrema doçura, de alta comprehensão, e de profundo sentir, debateu, sem se irritar, ás ponderações, talvez demasiado rudes, que lhe fiz. Concluiu por me dizer que cada um nós podia proceder n'aquelle assumpto em harmonia com as proprias convicções. Que elle cumpria o que reputava um dever de rei, e que fizesse eu o que a consciencia me ditasse.

Como os outro homens, os reis, embora se chamem D. Pedro V, estão sujeitos a apreciarem mal as pessoas e as coisas. Nem eu valia o que elle suppunha, nem a commenda valia nada.

O que valia muito, apesar do seu innocente erro, era esse moço de vinte e quatro annos, esse filho de D. João I, D. Duarte extraviado no seculo XIX, vindo pedir como favor ao filho do povo que lhe accedesse uma mercê, porque entendia que o dever a isso o obrigava.

Se a Providencia reserva no segredo dos seus decretos de redempção e renovamento para este paiz, será porque elle ainda soube achar em si lagrimas caudaes e sinceras para verter sobre o ataúde d'aquelle martyr.

O decreto da commenda appareceu. Tenho idéa de que n'esse tempo me injuriaram por ter *arranjado* uma commenda. Como era apenas uma calumnia, e não diziam bem de mim, callei-me.

Sem as circumstancias que haviam procedido o facto, eu teria publicamente recusado, tomando a liberdade de fazer sobre isso algumas considerações mansas ao ministro responsavel. Podia, porém, fazel-o, dadas essas circumstancias? Que o digam os homens capazes de affectos grandes e de generoso pensar. Limitei-me á abstenção e ao silencio. Mandaram-me da secretaria um papel em que me annunciavam aquella grande novidade da commenda. Não respondi. Creio que me apearam por contumaz. O que é certo é que nunca mais ouvi fallar em tal.

Deixo de parte a historia da recusa do pariato. Aceito como proprias as rasões que para essa recusa me atribue o jornal. A serie completa d'ellas era longa: tenho preguiza de a tecer. Contento-me com recitficar um leve engano do mesmo jornal. A constituição da camara dos pares não a acho pouco boa; acho-a pessima. Se o jornal tivesse dito que eu a achava detestavel, não curava da ractificação. Carregava com essa tremenda responsabilidade.

Veu depois a grã-cruz de Sanctiago. Fiz o mesmo que fizera a respeito da commenda. Nem mais, nem menos. Tinha motivos para crêr que a iniciativa da mercê vinha de el-rei. Procedi, n'essa hypothese, do mesmo modo que procedêra para com El-Rei D. Pedro. Podia S. M. como chefe do executivo entender que eu devia accedital-a. Venerando, como todos os homens de bem a santa memoria de seu irmão, ha de achar que, não tendo eu feito ao fallecido monarcha o sacrificio das minhas convicções, seria vilmente ingrato se o fizesse a elle. Se a tormentosa situação do chefe de Estado obrigar El-Rei a condemnar o meu procedimento, resigno-me a isso. Prefiro o seu desagrado como rei ao seu desprezo como homem. Deus queira que isto não seja ainda outra pretensão de vir a ser raridade!

Já se vê, pois, que não foi o terror da intervenção da côrte pa-

pal de Julio III nos negocios temporaes de Portugal de hoje, nem a fórma menos regular por que se fez uma coisa que ha de vir a ser prostituida, como se prostitue tudo aqui, que me obrigaram a evitar uma distincção, que talvez se tivesse tornado menos nociva, se, como os venenos activos, se houvera espalhado e diluido mais.

Faz rir este horror a uma bulla de Julio III. Ha quinze annos que vejo os homens publicos das diversas parcialidades acharem accetaveis outras bullas mais damninhas, e mais recentes trez seculos: ha quinze annos que vejo dar exemplos inauditos de subserviencia ás pretensões mais audazes da curia romana: ha quinze annos que vejo trahir sem pudor as tradições antigas e o nosso direito publico para contentar Roma, a insaciavel. Affiz-me a ouvir romper d'entre a fileiras liberaes applausos phreneticos a doutrinas que Gregorio VII e Innocencio III repudiariam. Vi vender, não sei por que preço de concessões pueris, o nosso padroado do oriente, com o pretexto de manter a paz das reliquias d'elle que a Propaganda nos deixava, e a Propaganda ahi está, na hora em que escrevo, provando ao mundo, como eu o prophetisára, quão refalsadas eram as promessas que fazia aos que trahiam a gloria do passado e o interesse do futuro para a lisongear. Vi a calumpnia de fabrica romana cusvida sobre um homem innocente, que era rei d'esta terra, e não vi o desagravo, que devia ser d'aquelles que deixam longo rasto na historia. N'estes quinze annos, no meio das saturnaes reaccionarias, se alguma vez temi pelo paiz, nunca temi por mim. A reacção não póde arrancar-me as veneras, nem despir-me a farda bordada. Não me derriba; porque ha trinta annos que cá estou no chão. A boas horas havia eu de ter medo do papa Julio defunto e dos seus defuntos cardeaes!

De certo que o recente diploma ácerca da ordem de Santiago não revela grande desembaraço no meneio das formulas do governo representativo. Mau é isso: mas o vicio está mais na expressão que na idéa; na fórma que na substancia. Em todo o caso, parece-me que por agora não periclitará a liberdade. Pela minha parte prefiro esse erro de intelligencia do ministro, a que elle pozesse em almoeda as distincções honorificas para fazer alguma alameda n'algum largo da capital. É permittido não crer n'essas coisas; mas é torpe abusar, e abusar sem disfarce, d'ellas, quando o paiz e o rei que as mantém, bem ou mal, como instituições publicas, havendo-as confiado com o poder á lealdade de alguns homens, lhes impuzeram virtualmente o dever de as respeitar.

Em conclusão. É escusado dar ao meu procedimento uma significação que elle não tem. Não fiz acto de opposição: não tive medo do papa Julio: não vejo em eminente risco a liberdade. Nem o governo me incommoda, nem a sua queda me ha de fazer chorar. Creio que isto é ser indifferente á sorte do paiz; é ser mau cidadão. Pois deixem-me ser mau cidadão. Ha tantos bons, que suspiram por immolar-se a elle, ou se estão sacrificando actualmente á sua ventura, que, n'essa via lactea de Codros, não faz de certo falta este filho degenerado da patria.»

O movimento litterario não tem esmorecido; ao contrario, augmenta sempre. E todos os generos se cultivam, a poesia, o ro-

mance, o drama, a lenda, as impressões de viagem, a satyra, enriquecendo assim as livrarias nacionaes que já principiam a formar catalogo portuguez na linguagem e nas idéas em substituição ao que tinham e que era inteiramente estranho nas idéas e na linguagem. A prova d'isto tenho-a eu em cima da mesa do trabalho. Rodeiam-me livros novos; e livros que me cumpre apreciar. Falta-me porém, espaço para o fazer, e sou obrigado a esboçar unicamente as impressões que me deixou *O prato de arroz doce*, por A. A. Teixeira de Vasconcellos, romance que tem direito á preferencia pela data da publicação e da offerta.

Uma grande difficuldade venceu o festejado escriptor, escrevendo este romance, que foi traçar ao mesmo tempo um quadro historico contemporaneo, sem ferir melindres nem atear odios, atravessando uma época de guerra civil, em que elle tomou parte, obedecendo ás suas convicções politicas. O partidario manteve-se á altura do escriptor, respeitando as crenças alheias e fazendo inteira justiça ao valor intellectual e militar de homens, que embora seus inimigos n'aquella lucta, eram e são caracteres distinctos, que illustram e engrandecem o seu paiz. N'esses leves perfis observa-se extrema delicadeza no aparo do lapis. Tanto a contrarios como a amigos escolheu a feição mais lisongeira para lhes reproduzir.

A urdidura do romance que acompanha e se entrelaça nos episodios da revolução popular chamada *Maria da Fonte*, é interessante e cheia de naturalidade. Os caracteres são verdadeiros e copiados com esmero da nossa sociedade; assim como os costumes que nunca desmentem o cunho nacional que promete o titulo da obra. Quanto ao estylo, é aquelle estylo facil, correcto e singelo que tanto se ageita ao dialogo e que tanto relevo lhe dá.

Profetiso um exito duradouro ao *Prato de arroz doce*, porque ás bellas do romance junta uma curiosa resenha dos acontecimentos de uma época notavel, resenha valiosa para futuros historiadores.

Terminarei, annunciando a publicação das *Coisas espantosas*, romance por Camillo Castello Branco, e das *Recordações de Pariz e Londres*, por Julio Cesar Machado, e promettendo desde já consagrar a seguinte chronica á apreciação d'estes dois livros.

ERNESTO BIESTER.